



FL. Nº  
Anexo – notas taquigráficas  
Proc. nº  
CMSP – NOME DA CPI  
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO**

**PRESIDENTE: JAIR TATTO**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA  
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo  
DATA: 31 DE OUTUBRO DE 2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Grafia(s) não confirmada(s)
- Orador não identificado
- Intervenção, expressão ou palavra ininteligível/inaudível
- Manifestação fora do microfone
- Tumulto

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Bom dia a todos. Com a presença do nobre relator do orçamento geral do Município, Vereador Ricardo Nunes, e do nobre sub-relator para a pasta da Cultura, Vereador Zé Turin, e na qualidade de Presidente da Comissão de Finanças e Orçamento, declaro abertos os trabalhos da 23ª audiência pública do ano de 2017, terceira audiência pública temática referente ao orçamento de 2018.

Informo que esta audiência está sendo transmitida através do portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço: [www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br), link Auditórios On-Line e publicada no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* nos dias 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, e 31 de outubro de 2017; duas publicações em jornais de grande circulação; no *O Estado de S.Paulo*, nos dias 25 e 31 de outubro de 2017 e *Folha de S.Paulo*, nos dias 26 e 31 de outubro de 2017.

O Projeto de Lei do Orçamento está disponível no *site* da Câmara Municipal de São Paulo. Esta audiência pública tem como objeto debater os seguintes projetos: PL 686/17, do Executivo, que estima receitas e fixas as despesas no Município de São Paulo para o exercício de 2018, Orçamento Municipal 2018; e o PL 687/17, do Executivo, que dispõe sobre o Plano Plurianual para o quadriênio de 2018/2021. É o PPA.

No decorrer desta reunião, cujo tema é a Cultura, vou anunciando as datas das próximas audiências públicas que teremos.

Quero informar a criação do *site* do orçamento, um *site* específico, só para o orçamento, que é o [www.camara.sp.gov.br/orçamento2018](http://www.camara.sp.gov.br/orçamento2018). Os senhores podem enviar, também, no *link* as sugestões e as demandas de forma on-line.

Convidamos o Sr. André Sturm, Secretário Municipal de Cultura. (Palmas) Quero fazer o registro, nobre relator, de que S.Exa. é o primeiro Secretário que comparece, juntamente com o Sr. Caio Megale.

**O SR. RICARDO NUNES** – Sr. Presidente, quero aproveitar para parabenizar o Sr. Secretário, porque, com exceção do Secretário de Fazenda, os outros, nenhum apareceu. O

senhor é o primeiro Secretário que aparece, por isso receba os nossos cumprimentos e o nosso respeito. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Convidamos também os Srs: Maurício Andrade Ramos, Diretor Presidente da Empresa de Cinema e Audiovisual Spcine; Ahmed Sameer El Khatib, Subsecretário e Coordenador-Geral do; Giulia Puttomatti, Secretária Adjunta da Fazenda; Hélvio Jorge, Assessor Técnico do Governo; Marília Barbour, Secretária Adjunta da Cultura, Secretaria Adjunto da Cultura; Juliana Velho, Chefe de Gabinete da Cultura.

Temos estabelecido uma dinâmica. Vamos tratar, hoje, da pasta da Cultura, que envolve: Secretaria Municipal de Cultura; Fundação do Theatro Municipal, Fundo de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Fundo Especial de Promoção de Atividades Culturais, Fundo de Proteção do Patrimônio Cultural e Ambiental Paulistano, Fundo Municipal de Turismo e SPCine.

— Tenho conversado com o nobre relator de tratar, como um todo, porque quando fazemos a convocação, suponhamos que alguém venha tratar só da questão do SPCine, todos estão chegando juntos, não tem um horário estipulado. Estamos procurando tratar, tudo que envolve a pasta, de uma maneira conjunta e nas falas, não vamos aqui ficar especificando, por conta da dinâmica. Estamos começando, sempre com uma apresentação que o secretário nos trás.

Com a palavra o Secretário André Sturm.

**O SR. ANDRÉ STURM** – Bom dia a todos. Agradeço a oportunidade. Vamos começar fazendo um rápido informe sobre o ano de 2017, para que possamos depois falar de 2018. Preparamos uma apresentação para ajudar um pouco e mostrar números e informações que considero relevantes. Antes de passar aqui, quero reforçar, que desde o início do ano a gente sempre diz que o nosso foco, nossa meta principal é, e continua sendo o acesso à cultura. Consideramos fundamental, que possamos ampliar a possibilidade de que a população tenha acesso à Cultura e conseguimos, inclusive, incluir nas metas da gestão do governo, da

gestão dos quatro anos, dos planos de metas da Cidade de São Paulo, duas delas são relacionadas a Cultura, que são, justamente aumentar o público frequentador dos equipamentos culturais e aumentar o público frequentador do sistema municipal de bibliotecas.

Aqui fala disso, ou seja, aumentar 15% do público dos equipamentos culturais. Nós criamos três projetos novos, o Cultura em Parceria com o Terceiro Setor, o Biblioteca Viva, o Cultura Sampa; e algumas ações chamadas globais, que é a implementação do MAR, Museu de Arte de Rua, a implantação de 25 novas salas de cinema do circuito SP Cine nos diversos bairros mais afastados da Cidade, e o acesso de rede *wi-fi* que já havia começado na gestão passada e nós aceleramos todos os equipamentos da cultura terem isso.

O Biblioteca Viva é um programa que nós iniciamos bem no começo, que para nós as bibliotecas precisam ser muito mais do que um depósito de livros. Não que elas não estivessem bem cuidadas e bem trabalhadas, mas elas não estavam nas prioridades. Nós então implementamos esse programa que é uma série de ações. Todas elas são pequenas, mas juntas estão já permitindo resultados concretos.

A gente quer que as bibliotecas sejam um espaço cultural dinâmico variado, que estimule as pessoas a frequentá-las e que elas vençam não todas, mas muitas pessoas que hoje acham que livro é uma coisa anacrônica, que livro é uma coisa que não tem sentido no mundo digital. Mas a biblioteca não é só livro, a biblioteca é um lugar onde as pessoas podem se encontrar, ver programações culturais em várias linguagens.

Um dos itens fundamentais foi abrir aos domingos – as bibliotecas públicas não abriam. Aumentamos bastante a programação; todas as bibliotecas, todos os finais de semana, têm uma programação nas mais diversas linguagens: teatro, dança, circo e assim por diante, e o *wi-fi*. A gente também tem levado alunos da escola de música do Teatro Municipal para se apresentarem nas bibliotecas uma vez por mês.

Criamos o programa Vestibular nas Bibliotecas, em que estamos levando professores para falar dos livros que caem no vestibular. São apresentações muito dinâmicas,

inclusive em alguns casos com apresentações que facilitam a compreensão do livro e debate depois. E o Letra em Cena.

A gente também está requalificando a infraestrutura, mudando a exposição do acervo. Os livros de literatura agora são expostos com as capas para o público, e não uma sucessão de lombadas. Dessa maneira a gente entende que as pessoas vão ter muito mais interesse em pegar os livros. A gente conseguiu adquirir, neste ano, quase 31 mil exemplares de livros, além de quase 15 mil que recebemos em doação. Para comparar, no ano passado foram 15.900 livros que entraram nas bibliotecas. Isso foi resultado de uma política de negociação direto com as editoras, não mais através de distribuidores. Dessa forma nós tivemos mais livros, mais baratos e livros mais recentes.

A Biblioteca Mario de Andrade, como vocês podem ver, teve um incremento muito grande na sua programação cultural: 53 apresentações de música, 60 apresentações de filme. Importante destacar que esses números são até 30 de setembro, portanto correspondem a nove meses do ano. A título de comparação, empréstimos de livros em nove meses já ultrapassou em 3.000 o número de empréstimos do ano todo de 2016, assim como o número de novos usuários, que já são 5.000, contra 3.700 no ano passado.

As casas de cultura neste ano recebem programação do circuito cultural municipal, o ano inteiro. No ano passado infelizmente foi só no primeiro semestre. Mas nós conseguimos organizar o orçamento de maneira que todas as casas de cultura tenham programação todas as semanas, até o final do ano. Nós reabrimos a Casa de Cultura do Itaim Paulista com acessibilidade, que antes não havia, também inauguramos a Casa de Cultura em Guaianases.

Em Pirituba, embora esteja ali um errezinho a mais, é Piritubá(?), fechamos uma parceria com coletivos que estavam já trabalhando lá, de maneira a formalizar a permanência deles para que em parceria a gente tenha uma casa de cultura em Pirituba com artistas desenvolvendo as atividades e a Secretaria, a infraestrutura.

Em 2018 já temos certo para o primeiro semestre inauguração de casa de cultura

em Parelheiros, Cidade Ademar, duas áreas bastante carentes, e na Vila Prudente. Não deu tempo de colocar aqui, mas também teremos uma casa de cultura no Capão Redondo, no Jardim Mitsutani, em parceria também com artistas locais. Finalmente a gente conseguiu desamarrar a questão de um imóvel que está lá, então é mais uma área bastante carente da Cidade que vai ter uma casa de cultura.

Os centros culturais, destacar que nós já tivemos mais de 400 mil pessoas de público, mais de 900 artistas, E também que neste ano, na Virada Cultural, nós fizemos uma mudança, descentralizamos a Virada Cultural e todos os centros culturais participaram da Virada. Isso foi importante porque uma crítica que muitas faziam é que a Virada era uma quantidade muito grande de dinheiro gasta que durava 24 horas. Nós acreditamos, fizemos e estamos vendo resultado, que ao também colocar a Virada Cultural nos centros culturais, pessoas que não frequentavam aqueles centros culturais, atraídos pela mídia, pela programação, foram e descobriram espaços culturais próximos de suas residências e passaram a frequentar. Teve aumento de público ao longo do semestre em todos os centros culturais que participaram da Virada Cultural.

Os teatros passaram a ter uma programação com peças em permanência, já tiveram 68 mil pessoas e 118 espetáculos realizados.

O Centro Cultural São Paulo é um espaço absolutamente dinâmico. Enfim, são números para apresentar aqui: já são mais de 500 mil pessoas em nove meses.

Na programação de maneira geral teve o Abril para Dança, o Dia do Reggae, o Dia do Forró, Mês do Brincar, Setenta Mais e o chamamento de corais, que são programas novos, dos quais eu quero destacar o Setenta Mais, que começou em outubro, em que todos os espaços culturais, casas de cultura, bibliotecas, centros culturais terão pelo menos uma programação por mês com artistas que tenham mais de 70 anos. É claro que isso é uma marca genérica, pode ter 69 ou 68, mas a ideia é fortalecer a importância de mostrar que tem muitas artistas com mais idade que estão plenamente capazes, ativos, e também estimular a

frequência das pessoas mais velhas aos equipamentos culturais. Muitas vezes, até por hábito, a gente fala muito da programação, dos jovens, dos jovens, e esquece que tem uma enorme população que tem tempo, pouco recurso e está sozinha. Então a gente quer muito estimular a frequência das pessoas mais velhas no equipamentos culturais, junto com todo mundo.

Os fomentos. Nós lançamos 11 editais, sendo seis editais novos. O edital de pintura de rua, que é o MAR, edital de rádios comunitárias, edital do *reggae*, de música, o edital para o festival do (ininteligível) que vai acontecer no ano que vem, e o edital para publicação de livrões que também já está em cartaz, além dos editais tradicionais de Secretaria.

Na área de cidadania, o edital Aldeias; o VAI, que tinha sido publicado; fomento à cultura da periferia, que nós tivemos alguns atrasos com o Tribunal de Contas, mas já está novamente aberto; o vocacional PIA, EMIA, os programas continuam.

Acho importante também colocar que, mesmo com os recursos que no início do ano foram congelados de maneira considerável, nós, junto com a Secretaria da Fazenda, fomos ao longo do ano liberando recursos e, como vocês podem ver, mantivemos todos os programas que a Secretaria da Cultura realizava, alguns com ajustes.

E principalmente o que eu quero destacar é que nós conseguimos fazer mais. Aqui são números, não são questões de opinião, mas nós conseguimos ter uma programação mais intensa em todos os equipamentos culturais, tivemos um aumento de público considerável em nove meses, tivemos uma diversidade de programação muito maior. Na Virada Cultural também tivemos um aumento das linguagens. Aqui destaco – estou vendo ali meu amigo Nilson -, tivemos pela primeira vez, por exemplo, fanfarras na Virada Cultural, além de outras linguagens que também estrearam. Tivemos uma programação que 75% foi montada a partir de um chamamento público em que os artistas se inscreveram de maneira totalmente aberta. Estipulamos limite de cachê para os artistas. Tivemos mais de 900 artistas contratados, contra 600 no ano passado. Então fizemos uma Virada mais diversa, mais ampla, com mais artistas, com mais linguagens e principalmente mais descentralizada.

Acho que algumas coisas não deram certo e a gente está avaliando, mas como conceito a Virada foi um acerto para a Cidade ao permitir que mais artistas trabalhassem, mais artistas da cidade de São Paulo, em mais locais e que mais pessoas tivessem acesso.

Do ponto de vista da programação em geral, a gente conta com um apoio fundamental. Vejo aqui vários colegas das casas de cultura, dos centros culturais que têm sido ponta de lança dessa política de aproximar, de trazer, de mobilizar o público da Cidade da maneira mais ampla e mais diversa possível.

Queria fazer essa introdução, falar um pouco do que a gente já realizou neste ano, para seguir a conversa.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Temos inscrições.

Vereador Toninho Vespoli presente; por favor, componha a Mesa conosco. Nós damos um jeito de adequar.

Nós não temos mais autorização de colocar cadeiras extras aqui, e nós já disponibilizamos a transmissão no saguão, nos auditórios dentro da Casa, porque estamos quase chegando ao limite de lotação do auditório.

Quero anunciar que amanhã, quarta-feira, teremos a oitava audiência pública temática de desestatização e parcerias, com gestão, também Secretaria Municipal da Fazenda, Secretaria Municipal de Relações Internacionais, SP Securitização, Companhia de São Paulo de Desenvolvimento e Mobilização de Ativos, SP Parcerias, Secretaria do Governo Municipal, SP Turis.

Aqui nós fizemos uma alteração, nobre Relator, trouxemos, então, para a audiência de amanhã, Secretaria Municipal de Desestatizações e Parcerias, Fundo Municipal de Desenvolvimento Social, Secretaria de Gestão Municipal, IPREM, Encargos Gerais do Município.

Dia 6/11, segunda-feira, no Salão Nobre, das 10h às 14h, teremos a 9ª audiência pública, 5ª audiência temática, que é Educação e Esportes, Secretaria Municipal de Educação,

Secretaria de Esportes e Lazer, Fundo de Esportes, Lazer e Recreação.

Também dia 6/11, neste Salão Nobre, das 15h às 18h, 10ª audiência pública, 6ª audiência temática, Serviços e Obras, Desenvolvimento Urbano e Prefeituras Regionais. Ou seja, Secretaria Municipal de Serviços e Obras, SP Obras, SP Urbanismo, Fundo Municipal de Iluminação Pública, Amlurb, que é Autoridade Municipal de Limpeza Urbana, Secretaria Municipal das Prefeituras Regionais, Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, Fundo de Desenvolvimento Urbano, Fundo Municipal de Defesa do Consumidor.

As inscrições. Sempre chamar três inscritos.

**O SR. RICARDO NUNES** – Presidente, antes da chamada, eu só queria... Nós, da Comissão de Finanças, fizemos aquele requerimento à Secretaria de Cultura para que nos informasse como estava sendo feito desenvolvimento dos trabalhos na Fundação Teatro Municipal, aí nós recebemos a resposta. Porque nós tivemos aquela grande situação aqui de fazer aquela CPI, de todas aquelas questões do Teatro Municipal.

Como o Secretário não mencionou ali, eu acho que seria importante deixar aqui registrado que a informação que a Secretaria de Cultura nos trouxe, do requerimento que nós fizemos, que é nossa função de cobrar, acompanhar e fiscalizar as ações, nos traz aqui um resultado bastante (ininteligível), mas eu queria só fazer pequenas observações.

O que nós pedimos para a Secretaria de Cultura nos informar? Como é que estavam sendo desenvolvidos os trabalhos no Teatro Municipal, quantidade de apresentações e de público, principalmente; mais do que valores, ações e público. E a resposta foi muito positiva. Eu acho, Presidente, que a gente tem muita mania de cobrar muito. Mas, quando a coisa é positiva, a gente também deve ter essa cultura de falar.

Em 2006(?) foram feitas no Teatro Municipal 121 apresentações, no ano inteiro de 2016; e somente no primeiro semestre de 2017, porque a gente recebeu essa informação em agosto, foram 142 atividades, um crescimento bastante considerável de 48,6%. Outra pergunta que nós fizemos à Comissão de Finanças, na nossa função de vereador fiscalizador, era com

relação ao público. A informação que nós tivemos é de que houve um crescimento de 38,87% de público com relação ao mesmo período de 2016.

Lógico que a informação é muito grande, não vamos tomar tempo, mas acho que vale a pena, Vereador Zé Turin, que é sub-relator da Cultura, esse nosso acompanhamento e deixar aqui inclusive a nossa boa impressão com relação aos novos rumos do Teatro Municipal, Secretário. A gente teve aqui muito trabalho com o Teatro Municipal, de desvio de verbas, aquela coisa toda, e a gente vê os resultados aí e é importante deixar registrado.

Obrigado, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado. Vale o registro.

Vou pedir aos munícipes que usarem a tribuna que se identifiquem sempre, o órgão que representam. Primeiro o *rapper* Pirata, depois Welington Sonora, depois Alex Street.

**O SR. PIRATA** – Bom dia, vereadores, servidores públicos. Vou falar rapidamente as pautas importantes.

O Mês do Hip Hop é um dos maiores eventos de *hip hop* do mundo, não aparece aqui no telão. A gente precisa entender isso. O Mês do Hip Hop tem mais de 1.200 ações, então tem muito artista, é um mês na Cidade inteira, no território inteiro. A cidade de São Paulo é muito grande. Essa é a nossa luta, para o governo entender isso, e está complicado cada ano que passa.

Vamos lá. Vou para o Orçamento 2018 pensando no Plano Plurianual também. Precisamos colocar no orçamento 1,5 milhão de reais na pasta da Cultura para execução do Mês do Hip Hop 2018. Precisamos de mais 500 mil reais na Direitos Humanos para o Mês do Hip Hop também. Também precisamos de mais um milhão de reais na pasta da Educação. Então é Educação, Direitos Humanos e Secretaria de Cultura que têm que cuidar do Mês do Hip Hop, que nós dialogamos com a Prefeitura de São Paulo.

Casas de *hip hop* tem uma conquista, tem uma portaria e tudo isso aqui eu estou baseado em leis etc. Casas de *hip hop* zona Sul, 500 mil reais; zona Oeste, 500 mil reais.

Precisa resolver o problema da zona Oeste com a Casa de Hip Hop de lá, porque está na portaria e precisa ser executada: 500 mil reais. Quinhentos mil reais na Casa de Hip Hop da zona Leste; 500 mil reais também na Casa de Hip Hop do Centro, que a gente conquistou, onde é o Museu do Theatro Municipal. Foi um debate pesado com o Governo. Até agora não saiu, e precisa sair. Lembro que a Casa de Hip Hop não é um espaço vazio, onde as pessoas vão cantar. Não é isso. É para contar e preservar um monte de coisas das questões do Hip Hop. O território Hip Hop também é um vocacional, porque o Hip Hop gera trabalho e cultura. Têm que sair de algumas especificidades e têm que entender que nós mobilizamos a Santa Ifigênia. Mexemos com audiovisual e mexemos com várias artes. Para ser artista, outros profissionais trabalham. Estamos falando de trabalho. Então, são dois mil reais para o território Hip Hop. Precisamos também que a área da Cultura seja respeitada. Respeitada como? Têm que voltar os 16%. Não dá para ter esse corte na Cultura. Cultura, na cidade de São Paulo, é zero vírgula coisa. Precisa ser respeitado. Olhem o tamanho dessa audiência falando de Cultura. Olhem quantas pessoas envolvem. Há outras audiências que há cinco pessoas. Precisamos entender isso. O que nós estamos falando, movimentos sociais e movimento de Cultura é justamente dar poder à Secretaria de Cultura, trazer mais dinheiro para ela executar as suas áreas. Isso vai dar poder à Secretaria de Cultura. Finanças não pode fazer congelamento. No orçamento da Cidade, sempre aumentaram o dinheiro da Cultura, só que o Executivo não executa, sempre congela, congela, congela. Não sei que frio é esse em São Paulo. Têm que parar de congelar. Neste ano, o orçamento é de deles. Se o orçamento é deles, são competentes para executar o orçamento. Não dará para congelar.

Terminando, isso é para Finanças. Não dá para cortar. A área de Cultura é zero vírgula zero alguma coisa. Lembro que, neste ano, tivemos um problema. A área da Cultura começa a ser executada a partir de agosto. Então, temos problemas sérios. O Governo precisa entender que tem que sair (inaudível) o PT, PSDB etc. Nós somos Cultura. Não somos partido

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o Sr. Wellington Sonora.

**O SR. WELLINGTON SONORA** – Bom dia a todos. Minha pauta aqui é cena rápida. No mês do Hip Hop, o Hip Hop não pode ser ignorado em São Paulo. Atinge todas as áreas de vulnerabilidade. No mês do Hip Hop, a gente está pedindo um milhão e quinhentos na pasta da Secretaria de Cultura, 500 mil na pasta da Secretaria de Direitos Humanos, um milhão na pasta da Secretaria de Educação. As casas de Hip Hop, principalmente, na zona Oeste, há um decreto. Têm que executar, têm que ter 500 mil reais lá. Na zona Sul, 500 mil reais e na zona Leste, 500 mil reais. No Hip Hop Centro, também está lá o decreto e não é executado. Têm que ter 500 mil reais lá. O território Hip Hop não diário trabalhar com mil reais. É impossível isso. É ignorado o Hip Houve. Não sei porquê. Dez milhões têm que ser para a pasta de Cultura, para o território Hip Hop, e, na pasta da Secretaria da Educação, também, que é a execução do vocacional Hip Hop.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o Sr. Alex, na Nação o Sr. Alex.

**O SR. ALEX** – Olá. Bom dia a todos. No caso, é o seguinte. Isso aqui está na lei, já está decretado. Está sendo necessário. Para podermos trabalhar com a área de vulnerabilidade social, o quarto mundo dentro do (inaudível) periferia. Então, peço aos nobres Vereadores para cogitarem, com muito carinho. Se você quer tirar uma criança do crime, é necessário esse um milhão e quinhentos, na Secretaria de Cultura. Os 500 mil nos Direitos Humanos e um milhão na Secretaria de Educação. Por quê? Eu já trabalhei como oficineiro. Eu sei o quanto o Hip Hop pode resgatar uma criança, e o quanto a falta dele pode jogar uma criança no crime.

Quanto às casas do Hip Hop, a própria casa da zona Oeste, estou vendo ela sucateada. Está sendo mantida no peito e na raça, sendo que já está decretada que é necessária essa grana. E aí?

Sobre o território Hip Hop, eu acho que meus companheiros já falaram, já está bem pautado. Como querem reduzir as estatísticas de criminalidade entre adolescentes, sendo que não dão nem chance para a gente trabalhar direito. Não dão nem uma condição de a gente ter

um material, dar uma aula decente para um adolescente, que, nessa hora, podia estar militando com nós, do Hip Hop.

Até mando sobre os direitos e deveres como cidadão, mas está internado num baile funk, ouvindo uma pá de baboseira. Por quê? Porque vai para o curso e não vai haver nada. Então, eu sou totalmente, e bato nessa tese: São necessários esses quatro milhões para o território Hip Hop. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Anuncio a presença da Vereador Rute Costa, a quem convido para participar da mesa.

Tem a palavra a Sra. Tâmila Freitas.

**A SRA. TÂMILA FREITAS** - Bom dia a todos. Estou um pouco nervosa. Nunca falei em plenário. Eu sou da Cidade de Manaus. Eu resido na cidade de São Paulo. Sou aluna da Escola Municipal de Música e gostaria de dar o meu depoimento, dizendo que é graças ao trabalho da Escola Municipal de Música que eu consigo me manter na cidade de São Paulo e continuar meus estudos. Inclusive graças a essa formação, eu consegui entrar, nesse ano, no coro acadêmico da Osesp e posso contribuir com a minha família lá em Manaus também.

Então, eu vim aqui dar meu depoimento e agradecer ao Exmo. Vereador Jair Tatto, os demais Vereadores, meus colegas, servidores público e professores, todos que se fazem aqui presentes, para que se desmistificar, às vezes, um errôneo conceito, de que a música erudita é elitizada, quando não é. Acho que 95% dos meu colegas, na escola municipal, são de periferia e têm um trabalho tanto quanto a gente. Então, eu gostaria de dizer que a música clássica não é elitizada. Isso é já foi um quanto antigo e agora é apenas conversa para boi dormir.

Nós, estudantes de música erudita, somos a periferia também. Não temos condições, muitas vezes, de comprar o próprio instrumento. Não temos como comprar os caros livros de história da música, harmonia, contraponto ou as próprias partituras que tocamos.

Não temos condições, muitas vezes, de nos mantermos uma grande metrópole,

onde esse estudo se faz presente, para continuar os estudos de música. Muitas vezes, não temos utilizado transporte seguro para voltar para casa, depois dos longos concertos que acabam tarde e encantam a todos que assistiram; e, muitas vezes, colocamos nossos próprios instrumentos, que nos custaram uma vida para conseguir, em maior importância e cuidado do que nós mesmos.

Não, a música erudita, no Brasil, não é elitizada. Somos dentro muitos que se deslocam das periferias para os centros da Cidade, muitas vezes, com poucas roupas adequadas, que foram conseguidas a muito custo, para os concertos de gala nas grandes salas de teatro. Eu já vi essa história inúmeras vezes.

Como aluna da Escola Municipal de São Paulo, ex-aluna formada do Conservatório de Tatuí e da Universidade do Estado do Amazonas, instituições públicas que permitem a sociedade livre acesso aos estudos artísticos. Posso dizer que sou muito grata. Graças a instituições como essas, dentre tantas outras, mas que não são muitas, que podemos ter esse tipo de estudo no nosso País. Não teríamos condições de pagar aulas particulares de instrumento por sete, oito, nove ou dez anos, para ter uma formação digna. Não temos sequer a estrutura para estudar os instrumentos em casa, e é graças ao aprendizado em instituições públicas, incentivadas pelo Governo, como exemplo a Escola Municipal de Música de São Paulo que podemos conseguir formação adequada e garantir nossos empregos para continuar nos mantendo e sobrevivendo nessa profissão tão difícil e desvalorizada do nosso País.

Então, queria agradecer e dizer que nós também somos periferia brasileira e temos construído com muito esforço para contribuir com uma sociedade única que é a nossa. Obrigado. (Palmas).

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** - Obrigado.

Tem a palavra o Sr. Claudio Guimarães.

**O SR. CLAUDIO GUIMARÃES** – Bom dia a todos. Sou um dos representantes do coral lírico do Theatro Municipal de São Paulo. Quando falamos em Theatro Municipal, às

vezes pensamos apenas naquele prédio, naquela estrutura. O Theatro, hoje, abarca não apenas o Theatro com seus corpos artísticos, como também a Praça das Artes e todos os organismos, inclusive a Escola Municipal de Música sobre a qual acabou de falar a nossa colega.

Eu queria dizer que a cidade de São Paulo é uma cidade plural. Há espaço para todas as formas de manifestações artísticas. É composta de várias etnias, de várias manifestações culturais e acreditamos que todas terão seu espaço nesta Cidade da forma como ela é.

Estamos defendendo simplesmente o retorno da dignidade do Theatro Municipal de São Paulo e todas as estruturas, todos os seus organismos. Tivemos no passado recente - acompanhado inclusive por esta Casa através de CPI, como citou o Vereador agora há pouco - problemas seríssimos com relação às verbas, à desvios, à desmandos, à forma equivocada de administração que levaram ao Theatro a um caos cujos frutos estamos colhendo ainda este ano de 2017.

Com o orçamento proposto para este ano, já de antemão sabíamos ser insuficiente para realização de tudo que lá estava considerando ainda o passivo que lá se encontra. O que aconteceu foi que percebemos na presente Administração um grande esforço, um grande desejo de corrigir os erros do passado, como foi também citado aqui.

Necessitamos da manutenção do orçamento como ele está proposto hoje para que possamos ainda mais, além de tudo que já foi exposto, retornar à Cidade com a nossa capacidade plena de produção, possamos trabalhar com mais tranquilidade este ano. Vale citar que em função de tudo isso que aconteceu no passado os artistas tiveram a compreensão de ter os seus salários reduzidos - seus dois últimos salários a serem recebidos este ano reduzidos para que pudesse ser fechado o caixa, ou seja, foi uma compreensão nossa para que pudéssemos ajudar a recuperação da Casa apesar de não termos absolutamente nenhuma responsabilidade com tudo aquilo que aconteceu.

Confiamos na presente Administração e estamos simplesmente desejando que o orçamento seja mantido para que possamos trabalhar em capacidade plena retornando à cidade de São Paulo aquilo que ela nos dá. (Palmas)

- Apresentação musical.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Muito bem. Depois teremos também *rap*.

- Manifestação na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Anuncio a presença do Vereador Mario Covas Neto, do Vice-Presidente da Comissão Vereador Isac Felix, da Vereadora Edir Sales, o Vereador Claudio Fonseca já anunciou. Peço a compreensão dos Vereadores, para falar os Srs. Alessandro Azevedo, Laerte Brazil e Agnaldo Silva.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Ah, Sonia, desculpe, verdade, está na outra listagem

**A SRA. SONIA** – Posso falar? (Pausa) Bom dia a todos, bacana é isso na Cultura: a diversidade. É através dela que sou do Grupo de Mães de Jovens Especiais. Atuamos no Tendal há 7 anos. Quem de vocês já ouviu falar do Grupo de Mães de Jovens Especiais? (Pausa) Hip hop eu tenho contato graças ao Tendal, temos lá uma galera bacana.

**O SR. PRESIDENTE (JAIR TATTO)** – Quero agradecer a recepção que nos fez no Tendal da Lapa, na primeira audiência, agora lembrei de você, demais, obrigado por nos ter recebido, uma casa maravilhosa. Quero fazer aqui o registro dos trabalhos culturais que lá são feitos.

**A SRA. SONIA** – Isso. Exatamente. É através desse trabalho, dessa diversidade cultural que dentro do Tendal nós vivemos, que desenvolvemos os nossos jovens.

Bacana quando vocês do hip hop falam das crianças, nossos jovens são de 17 a 60

anos, onde nenhuma instituição mais dá oportunidade para dar continuidade deles, seja no desenvolvimento, ou de uma vida social, porque a maior parte das instituições aceita deficiente com 17 anos 11 meses e não sei quantos dias. Nós não. Trabalhamos diferente e, graças a essa oportunidade, através da arte e cultura de uma maneira bem diversificada, é que estamos trazendo esses jovens ao convívio social e a um desenvolvimento, que está surpreendendo a todos.

Então, eu tenho muita gratidão. Não venho aqui pedir verba. Venho pedir sim uma atenção, um pouquinho de olhar generoso para com o nosso trabalho e a oportunidade de a gente poder dar continuidade a esse processo tão bacana, que é ver os nossos jovens nessa evolução.

Obrigada a todos aqui da mesa.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu vou propor para que, depois da décima inscrição, a gente faça uma rodada aqui. Há Vereadores que têm outras atividades na Casa, aqui, que queiram se manifestar, fazer uma saudação. Aí o Sr. Secretário poderia já fazer uma rodada de respostas, para interagir.

Tem a palavra o Sr. Laerte Brasil.

**O SR. LAERTE BRASIL** – Eu sou chanceler global de assuntos diplomáticos da unesca, que é o cosmos universidade das Nações Unidas, educação e cultura da cidade, universidade que a gente organizou em 95 países. Eu morei na Europa, em Portugal. Eu me graduei em engenharia do esporte. Também fiz escola superior e me especializei no globo da morte, tanto no motociclismo quanto no ciclismo, fiz escola de aviação civil e concluí o curso de piloto.

Voltando aqui para a cidade de São Paulo, ela é cosmopolita, global, mas injusta. Ela tem um PIB anualmente de 676 bilhões. Vejam, contribui com quase 40% aqui para o Estado de São Paulo e 12% para o Governo Federal e, no orçamento de 56 bilhões de reais, o que sobra são só migalhas para a sociedade paulistana.

Esse bandoleiro que está sentado aí na cadeira da Presidência da República tem uma estratégia macabra até o final do seu mandato, de roubar 120 bilhões de reais do povo brasileiro e desse montante de dinheiro, 30 bilhões aqui da cidade de São Paulo. É uma parcela do percentual que São Paulo contribui. Trinta bilhões serão roubados até o final de 2018. Se aplicassem, no orçamento da Cidade, fariam um orçamento com 90 bilhões.

Para concluir, a Cultura hoje é um objetivo de desenvolvimento sustentável, porque gera 12,8 para o PIB da cidade de São Paulo, e precisa mais atenção. É por isso que nós precisamos apoiar aqui a tese do Hip Hop e também a tese de todos os atores, atrizes, fundações e associações.

O Sr. Temer e os comparsas não têm condições de falar mais grosso comigo, porque eu denunciei há dez anos o Sr. Sérgio Cabral. Estão sucateando os cofres públicos.  
(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Repito que se tiver alguma prova com relação às falas devem ser encaminhadas à Corregedoria da Casa.

Alexandre Quevedo, Frente Única da Cultura. Depois, Agnaldo Silva.

**O SR. ALEXANDRE QUEVEDO** - Quanto tempo?

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** –Três minutos.

**O SR. ALEXANDRE QUEVEDO** - Bom dia a todos e a todas.

Vou começar: São Paulo não está à venda, plebiscito já. (Palmas.) Não à reintegração da ocupação cultural Ermelino Matarazzo.

- Manifestação na galeria.

**O SR. ALEXANDRE QUEVEDO** - Todo apoio ao Teatro Oficina e ao TBC, patrimônio brasileiro da cultura. (Palmas.) Bem-vindo a pior era da cultura na cidade de São Paulo, desde Mario de Andrade. (Palmas.)

Digo isso por quê? Para dizer que nós tivemos o maior congelamento 47% no começo do ano. Nós deixamos de executar algumas políticas públicas, pontos de cultura na

cidade de São Paulo, 15 milhões aprovados no Orçamento, não foi executado um centavo para novos editais.

Circo, teve aprovado no Orçamento 4 milhões, mais 600 para o Centro de Memória do Circo e foi lançado um edital de 2 milhões, sendo que um ano será pago no próximo ano e, até agora, o outro 1 milhão ainda não foi pago aos contemplados.

Quero dizer que nós vivemos a pior era na época da cultura, na cidade de São Paulo e queremos que, para 2018, as coisas melhorem.

O Orçamento enviado para esta Casa tem uma redução de 16%, quando o Orçamento geral veio para a Casa com um aumento de quase 2 bilhões.

Por que tudo aumenta? A pasta da Cultura é dividida entre Theatro Municipal, Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria de Governo. Todo apoio aos trabalhadores do Theatro Municipal porque são trabalhadores como nós. Mas se aumentaram 18 milhões para o Theatro Municipal que se aumentem para as outras áreas também. (Palmas.)

Se a Secretaria de Governo aumentou quase 16 milhões para ações culturais, que se aumentem também em todas as áreas.

A nossa proposta – já temos a segunda reunião com o Sub-Relator da Cultura, o Vereador ZéTurin – é a reposição dos 16% mais os 5% da Cultura, no aumento global para todas as áreas, sem cortes. O Orçamento, neste ano, deixa de fora seis programas. Isso é um erro.

Então nós queremos que o orçamento da cultura seja de 518 milhões, mais os 5%, de aumento global do Orçamento, que todas as rubricas sejam específicas para que cada cidadão possa acompanhar diretamente no *site* o que é para cada área e o que foi executado.

No começo do ano uma das argumentações para congelamento foi que a atividade e projeto estavam confundindo a Fazenda e que, portanto, tinha que congelar.

Então nós queremos que todos os programas de continuidade sejam colocados com a rubrica “atividade”, que são atividades de continuidade e projetos.

Para os pontos de cultura, queremos mais recursos, para este ano, e os 15 milhões que não foram executados.

Culturas populares têm mil reais na rubrica, o que é um erro, os nossos ancestrais vão ficar sem o recurso. Quero que nosso Relator Zé Turin escute essas nossas solicitações.

Temos reunião marcada para terça-feira, às 14h00, quem quiser colar nesse grupo de trabalho, chega junto. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado.

Agnaldo Silva.

**O SR. AGNALDO SILVA** - Bom dia.

Faço parte da primeira geração da cultura Hip Hop no Brasil. Sou o antigo B.Boy, dançava nas ruas. A gente não tinha nem noção de que um dia nós iríamos entrar numa Câmara, conversar com políticos. Hoje, essa primeira geração ainda deve muito para os novos.

Venho aqui em nome dessa cultura, que precisa ser um pouquinho mais valorizada. Não desmerecendo nenhuma outra cultura, eu sou cantor, já dei aula dentro da Fundação Casa, já dancei nas ruas, já perguntei uma vez ao Secretário se ele conhecia o que realmente é a cultura hip hop, quantos elementos têm dentro da cultura hip hop. Faço parte dessa geração. E nós temos muito para contribuir, porque nós entramos onde muitas culturas não conseguem entrar; abrimos caminhos para todos os outros poderem entrar. Nós falamos a linguagem dos jovens dentro das fundações, dentro dos presídios, e nós estamos aqui reivindicando. O Pirata vem aqui e dá a cara para bater. A gente precisa muito dessa força. O meu irmão Bents, que vai vir falar aí, fala muito melhor do que eu. Eu não nasci para púlpito, eu nasci para honrar essa cultura, que está completamente desprestigiada. Eu faço parte da região da Mooca, faço parte da Favela do São Rafael, em Guarulhos. Eu não estou aqui para brincar com ninguém. O Runi, às vezes, fica me controlando, porque eu não sou um cara muito à disposição, mas um cara com muita vontade. Então é só prestar atenção um pouquinho mais nessa cultura e no que estamos pedindo, que não é nada absurdo. Certo? Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu estava exatamente falando ao telefone para tentar resolver a questão dos que não conseguem entrar. Quero avisar que todos os telões da Casa estão transmitindo a nossa audiência pública, inclusive no auditório de fora. Tem uma norma pela qual não podemos ter muita gente aqui nas laterais – é orientação dos Bombeiros, por questão de segurança.

Anuncio a presença da Vereadora Sâmia. Por favor, venha compor a mesa.  
(Palmas)

Tem a palavra o Sr. Rudi.

**O SR. RUDI** – Bom dia a todos e a todas.

Tatto, eu queria só fazer um breve comentário, porque é sempre uma reivindicação nossa com relação ao espaço – que se faça em dois, então, para que possamos acessar as pautas que nos interessam, as demandas que nos interessam. Não é possível que um monte de gente da cooperativa esteja lá embaixo e não consiga entrar, por exemplo. O pessoal que está aí, do Movimento, não consegue entrar para acompanhar a audiência. Então é uma fala sobre essa questão do espaço, que todo ano a gente enfrenta aqui.

Todo ano, a gente vem para estar Casa para fazer a luta do orçamento. Todo ano. É sempre igual. Então, às vezes, eu me sinto como um ator ensaiando uma peça ruim, reensaiando uma peça ruim, porque parece que não entra na cabeça das pessoas que estão no poder. E não é partido, é sempre assim, é sempre um problema. Todo mundo compreende cultura como uma coisa importante, mas como é que você avalia a prioridade de um governo? É pela sua peça orçamentária. Você olha lá e a cultura está sempre atrás. Quando a economia vai bem, ninguém lembra da cultura; quando a economia vai mal, todo mundo lembra da cultura. Eu queria, inclusive, pedir para que o Relator tivesse a sensibilidade de observar os números, a contabilidade, coisa que não é da nossa área. Mas a gente precisa compreender isso. Não é razoável que a gente tenha menos recursos para a cultura neste ano do que no ano passado. Isso não é razoável em nenhuma economia.

Aos companheiros do Theatro Municipal, quero dizer que é assim que se faz luta mesmo. Tem que vir discutir, porque a gente, como artista, não vem. A gente aprendeu que é assim que se faz luta. E eu não sou contra, nunca tive falas contra o Theatro Municipal, mas eu sempre falei que todas as áreas deviam ter também os seus recursos aumentados. O Theatro Municipal foi para 140 milhões, se eu não estiver enganado. Eu não sou contra, quero que tenha até mais, porque tem que ter, é muito trabalho. (Palmas) Agora, as outras áreas – hip hop, teatro, dança –, enfim, todas as outras áreas, os programas educacionais de formação também tem que ter. (Palmas) Porque não é possível. Essa conta não fecha! (Palmas) Essa conta não fecha. Isso tem que ser cobrado do Prefeito, que o Caio Megale esteja nessa mesa. Que o homem que tenha a chave do cofre esteja nessa mesa. É o cara que lida com a contabilidade, é o cara que lidera o dinheiro. Por que esse cara não está aqui? Ele tem que estar aqui, é prioridade. É importantíssimo. (Palmas)

Eu só queria dizer assim: é muito fácil a gente se desagregar, se dividir. A gente tem vivido muitos sombrios nesta cidade – de censura, de retrocesso. Nós precisamos, de alguma forma, fazer o que as políticas estruturantes aconteçam, e que o dinheiro da cultura, que a gente batalha aqui, seja executado. E a gente está brigando pelos 518 milhões do ano passado, reajustados para agora. É isso que nós precisamos. Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Nós estamos aqui fazendo uma acordo para o Comandante Trapiá. Nós precisamos preservar toda a lateral, é um problema de risco. Vamos permitir que as pessoas sentem no chão, como ocorreu na outra audiência, mas, nas laterais, nos vidros, por favor, porque pode só acontecer de alguém despencar lá embaixo, oito andares, e seria uma tragédia pior do que a do orçamento este ano.

Tem a palavra o Sr. Elvis.

**O SR. ELVIS** – Meu nome é Elvis, faço parte do Coletivo Periférico Família Stronger, um coletivo LGBT de jovens da periferia de São Paulo. E nós viemos muitas vezes na Cultura, que é um espaço que deveria ser inclusivo, onde todos deveriam estar, e não estão.

Vemos as travestis, mulheres transexuais e homens trans à margem da sociedade. Nós vemos os nossos artistas, que muitas vezes não são contemplados nos editais, e, muitas vezes, nem como oficinairos são aceitos. Nós vemos os nossos artistas, quando entram no território do hip hop, ou até mesmo em outros tipos de ritmos de músicas, sendo expulsos, simplesmente por conta da sua orientação sexual ou por conta da sua identidade de gênero. Não somos aceitos nos espaços, somos expulsos. Estamos vendo, nesse momento, o conservadorismo tomando conta do país, estamos vendo os museus sendo repreendidos, estamos vendo exposições sendo proibidas, estamos vendo os nossos artistas sendo proibidos de entrar e fazer as exposições no museu, sendo até mesmo proibidos de cantar. Não a esse retrocesso. E por isso eu estou aqui, em nome da comunidade LGBT, para pedir para o Secretário que inclua cada vez mais artistas LGBTs, que chamem uma audiência pública para conversar com o movimento LGBT para incluir os nossos artistas em todas essas programações. E também estou aqui para pedir que não venham tirar 15% da cultura, mas aumentar 15%, porque vocês estão aumentando a violência quando vocês estão fazendo isso, estão colocando mais pessoas nos presídios, e não queremos isso. Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra a Sra. Solange.

**A SRA. SOLANGE** – Eu vou anunciar que nós já temos 37 inscritos e nessa fala da Solange, se vocês me permitem, eu encerro as inscrições. Então quem quiser se inscrever, por favor, se encerra. Logo em seguida passaremos aos nobres Vereadores para se pronunciarem e ao Secretário para responder a essa primeira rodada de perguntas.

Tem a palavra a Sra. Solange.

**A SRA. SOLANGE BORELLI** – Bom dia, pessoal. Sou produtora cultural, artista da dança, ativista cultural e representante do Telartes (?), uma rede que integra artistas, articuladores e ativistas da América Latina em defesa do tema que estamos abordando aqui hoje.

Vou ler o texto do Sandro Borelli, atual Presidente da Cooperativa Paulista de

Dança, que não pôde subir porque temos muitas pessoas querendo falar e não podem, então vou usar as palavras dele.

“Caros Vereadores, Vereadoras e trabalhadores da cultura aqui presentes, estamos mais uma vez seguindo a nossa histórica *via crucis* na luta por uma arte e cultura que seja livre da ignorância, da inoperância e da desfaçatez da imensa maioria dos integrantes do Parlamento e do Executivo deste País. Estamos aqui porque mais uma vez esta atual gestão municipal tenta achacar a soberania e grandeza da cultura paulistana, propondo cortes orçamentários que atacam toda uma categoria que produz cidadania, reflexão, espírito crítico, humanismo, diversidade, história etc. Desculpe, caros Parlamentares e Secretários! Garanto que poucos aqui têm a lembrança ou sequer sabem que a cultura é patrimônio imaterial histórico de maior valor que um povo pode ter, pois se estivessem atentos a isso não estaríamos aqui em guerra aberta por um orçamento digno para a área. O que estamos vendo aqui em São Paulo atualmente poderíamos até chamar de um espetáculo de horror, com elenco de péssima qualidade. É uma gestão perversa, que procura desconstruir políticas públicas desenvolvidas pela sociedade civil que, inclusive, contou com o apoio desta Casa. Senhores, no momento em que esta gestão tem a desfaçatez de propor um corte de 14,2% no orçamento da cultura para 2018, que em números podemos dizer que é algo em torno de R\$ 50 milhões, como esta proposta absurda que golpeia os programas de fomento, programas de formação, biblioteca, manutenção dos espaços públicos, etc. Sou obrigado a fazer um trocadilho criativo aqui, e digo: Cultura não é razão, cultura é reflexão, é tesão, é nação”.

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Registro a presença do nobre Vereador Atilio Francisco, Relator do Plano Plurianual.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Nobre Vereadora Edir Sales.

**A SRA. EDIR SALES** – Bom dia. Parabéns a todos que estão aqui por uma luta nobre.

Nós, realmente, como Vereadores, queremos melhorar ainda mais esse orçamento.

Faremos emendas e tenho certeza de que todos que estão aqui lutam pela mesma causa: melhorar o orçamento da Cultura. E tenho certeza de que tanto o Sr. Secretário, nosso querido amigo André Sturm, como também o Sr. Ismael Ivo, Diretor Artístico do Balé da Cidade, como também a Sra. Priscila Yakoi, Diretora da Escola de Dança, Sr. Antonio Ribeiro, Diretor da Escola de Música; Sra. Jaira Rodrigues, Diretora Executiva da Fundação; Sr. Renata Araújo, Diretora de Gestão; Sr. Sérgio, Diretor de Formação; alunos da Escola de Dança, bailarinos, músicos... Hoje, inclusive, tivemos a apresentação maravilhosa e emocionante do Coral, que nos arrancou lágrimas dos olhos.

Então, a nossa luta vai continuar. Tenho certeza de que valorizamos muito a Cultura. Todos nós, Vereadores da Câmara Municipal de São Paulo, 55, valorizamos muito a Cultura. Eu também tenho vários projetos na área da Cultura. Criamos o Dia do Balé Clássico e temos vários projetos.

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**A SRA. EDIR SALES** - É importante ter um pouco de educação, a senhorita que fez uma vaia, porque educação cabe em todo lugar. Educação vem de berço.

Então, eu acho super importante que continuemos unidos.

Sr. Secretário André Sturm, os eu trabalho tem sido dignificante...

- Manifestações fora do microfone.

**A SRA. EDIR SALES** – V.Exa. tem feito o máximo que pode fazer...

- Manifestações fora do microfone.

**A SRA. EDIR SALES** – E temos de continuar apoiando todos vocês.

- Manifestações fora do microfone.

**A SRA. EDIR SALES** – Temos de apoiar todos que lutam por uma Cultura melhor. E dança, e música, e arte, artesanato, tudo faz parte da Cultura.

Portanto, nos colocamos à disposição para ajudar nas emendas por melhorias no orçamento da Cultura.

Obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Quero ouvir a nobre Vereador Rute Costa. Depois, a nobre Vereadora Sâmia Bomfim.

**A SRA. RUTE COSTA** – Bom dia, senhoras e senhores.

Eu vim aqui, hoje, a esta audiência pública, apoiar esse importante trabalho de vocês. Vim a pedido de muitos adolescentes, que entraram em contato comigo, a respeito da

Escola de Música; muitos, também, do *hip hop*, e tenho seguido a luta diária, o Pirata, que foi citado, sempre está, aqui, conosco. E eu acho a Cultura muito importante, e por isso vim dar o meu apoio. Sei que a Cultura - muitas vezes a música, a dança -, tem tirado muitas pessoas de lugares sombrios e as tem trazido à luz e à alegria, porque a música e a dança alegram a alma.

Então, estou aqui os apoiando pessoalmente, e essa é simplesmente a minha fala. Vim apoiá-los e estou aqui, também, como sempre apoio o nosso Secretário André.

Tenho me colocado à disposição, inclusive, da Secretaria. Todas as vezes que solicitada, tenho cooperado e tenho também, da minha maneira parca, sempre contribuído com vocês.

Então, sempre contem comigo. Muito obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, nobre Vereadora Rute.

Nobre Vereadora Sâmia. (Pausa) Gostaria que o nobre Relator do PPA estivesse à frente da Mesa, pela autoridade que V.Exa. representa. Arrume uma cadeira, por gentileza. Agora vou passar a palavra ao Secretário, pois a Vereadora Sâmia declinou neste momento também e, enquanto o Secretário faz a rodada de pergunta, eu vou tentar contornar um pouco daquela democrática rebelião que se encontra ali fora.

- Manifestações do público.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Houve uma confusão. Passei a palavra ao Secretário para que respondesse os questionamentos enquanto eu ia lá. Não suspendi a audiência. Houve uma confusão aqui.

Então com a palavra o Secretário.

O que combinei como primeira atitude? Nós vamos pedir à assessoria que recolha de 10 a 12 inscrições dos que estão aí fora para garantir a palavra. Permitir a entrada, o bombeiro diz que não, não vai entrar. Ou faço um revezamento.

Então vamos garantir que os que estão ali fora e queiram se inscrever, de 10 a 12 inscrições, uma vez considerando estar se abrindo uma exceção, já havia encerrado, eles vão poder se manifestar. Então peço à assessoria que recolha lá de 10 a 12 inscrições do público

externo.

Estou tentando também, como Presidente, a Sala Tiradentes, que é no mesmo corredor e tem os telões, pode ser transmitido e podem acompanhar de lá.

Então vamos aguardar o Secretário. Pode fazer então a primeira rodada de respostas e volto lá imediatamente.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Não. Agora falta discutir a respeito da Sala Tiradentes. (Pausa) Vamos garantir a palavra a quem está lá fora. Acho que já é um passo.

Com a palavra, o Sr. Secretário.

**O SR. ANDRÉ STURM** – Em relação às colocações que foram feitas pelo Pirata e os outros colegas do hip hop, queria esclarecer que temos no orçamento, para 2018, uma rubrica com 1,5 milhão de reais para o Mês do Hip Hop.

Há uma confusão que surgiu em função de existirem dois documentos do orçamento e um deles engloba duas rubricas na mesma rubrica, o que faz com que isso não fique claro, mas temos previsto, orçado 1,5 milhão para o Mês do Hip Hop que é inquestionavelmente fundamental.

Os outros itens demandados, com os quais obviamente simpatizo e apoio, dependem naturalmente da Fazenda e não da Secretaria da Cultura. Havíamos nos comprometido com a manutenção do recurso do Mês do Hip Hop que, este ano, mesmo estando congelado no começo do ano, nós conseguimos descongelar através de recursos da Cultura, recursos de emenda, enfim, junto com o Movimento conseguimos recursos que possibilitaram um mês do hip hop que foi, pelas informações que recebi, bastante bem sucedido, com o número de artistas contratados que foi o maior nos últimos anos. Então, o nosso compromisso com o hip hop continua. Como vocês sabem, temos uma pessoa da militância do hip hop, que é o Easy Jay, que atualmente está na Secretaria da Cultura e que justamente está nos apoiando, nos ajudando no desenvolvimento de ações a mais para o hip

hop. Entendemos que apenas o mês do hip hop é pouco. Foi uma demanda, no início deste ano, quando fizemos o encontro com o movimento na Galeria Olido, foi colocado que o hip hop não tinha que se reduzir em um mês, que deveria estar na programação da Secretaria e tem estado, não só nas programações pontuais, mas em todas as nossas programações.

Fizemos um evento grande na CCJ do hip hop e vamos fazer outro evento no mês de novembro, bastante grande no Vale do Anhangabaú, mobilizando os artistas, trazendo os artistas. O hip hop para a nossa gestão não se resume ao mês do hip hop, mas é muito maior. Há recursos que serão investidos no hip hop que não estão escritos hip hop, porque estão em programação cultural, estão em programação de casas de cultura. Não estou dizendo isso para rebater a demanda que o movimento faz de recursos adicionais. Só estou dizendo que o recurso que a Secretaria da Cultura tem para o hip hop já previsto não se resume a 1,5 milhão para o mês do hip hop. Temos recursos que serão investidos, que apoiarão esse setor que consideramos muito importante. Eu quando entrei na Secretaria, já disse no evento, que não tinha conhecimento da força, da relevância. E que nós fomos trazidos para próximo desse movimento, reconhecemos a importância e vamos trabalhar para que os recursos sejam ainda maiores para o ano que vem.

Em relação à questão do orçamento da Cultura, eu só posso me manifestar solidário com qualquer demanda que proponha aumentá-lo. O meu papel é executar políticas para a Cultura. Faço parte de uma gestão e o recurso que obtivermos é com ele que trabalharemos. Mas todas as demandas que venham para aumentar os recursos serão bem-vindas.

Nesse setor, queria destacar que a Secretaria da Cultura foi, de todas as 23 Secretarias, a que mais executou emendas de vereadores este ano. Inclusive queria agradecer aos vereadores porque no início do ano nós recebíamos as emendas que os vereadores propunham mas desde julho, temos vindo na Câmara, onde temos sido muito bem recebidos. E temos sido, inclusive, temos os Vereadores Ricardo, Turin, Vereadora Edir, que já colocaram

emendas este ano no orçamento. Nós tivemos um total até sexta-feira, de 9,4 milhões de reais acrescidos ao orçamento da Cultura, por meio de emendas de vereadores. Boa parte desse recurso foi gasto, majoritariamente desse recurso foi gasto com contratação artística, portanto, ampliando o recurso para a programação e com a aquisição, que vai começar agora, de equipamentos de som, de luz e de vídeo para casas de cultura em primeiro lugar. Já temos emendas para quase todas as casas de cultura, se não forem todas, são quase todas. Vocês que trabalham com isso sabem que temos uma demanda por equipamentos porque muitas vezes quando a gente contrata artistas que demandam equipamentos de som melhor, a gente gasta mais no aluguel do equipamento do que no cachê do artista. Isso para mim é inaceitável. Na hora em que tivemos as casas de cultura, os centros culturais, as bibliotecas com equipamento de som, poderemos investir o nosso recurso em cachê e não em aluguel de equipamento. O que para mim é um contrassenso do ponto de vista de política pública.

Com o apoio dos vereadores conseguimos esse recurso que vai permitir equipamentos em todas as casas de cultura e em todos os centros culturais e em algumas bibliotecas. Isso mostra como não nos acomodamos com o recurso que obtivemos. Nós não só fomos buscar o descongelamento, como fomos buscar 9,4 milhões. Aliás, ainda há o compromisso, ontem, não está nesses números, recebemos 10 emendas de vereadores que são recursos que os vereadores tinham que eventualmente estavam em outras pastas que não estavam conseguindo executar. O do Vereador Ricardo é um exemplo e do Vereador Zé Turin é outro exemplo, que repassaram esse recurso para a Secretaria. São 50 mil aqui, 40 mil ali, 100 mil ali, mas com isso a gente está fazendo esse incremento de programação e de equipamento. Volto a dizer: a aquisição dos equipamentos vai possibilitar que todo recurso gasto com aluguel de equipamentos neste ano seja gasto em programação, mais artistas e mais trabalhadores da cultura envolvidos.

Era isso que eu queria colocar. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Queria ouvir ou a Giulia ou o Ahmed, ou os

dois, sobre a política de congelamento, do recurso congelado.

Quero anunciar a presença da Vereadora Juliana Cardoso e do Vereador Antonio Donato, Líder do PT.

Com a palavra, Giulia.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Bom dia a todos. É com muita alegria que a gente vem... É minha primeira audiência, pelo menos, como Secretária Adjunta da Fazenda aqui.

Na verdade não tenho muito a complementar, acho que minha fala pode ficar um pouco técnica e um pouco anacrônica, mas é importante colocar alguns pontos antes de explicar o que é congelamento, antes de a gente usar essas palavras que ferem os ouvidos não só da Cultura, mas de todas as secretarias e de qualquer governo.

Existem alguns preceitos na gestão pública, e infelizmente são preceitos legais, constitucionais e têm que ser cumpridos até para a boa gestão intertemporal das contas públicas, e que acabam enrijecendo o grau de gestão e de ingerência que a gente tem sobre algumas contas.

Eu queria mostrar um *slide* rapidamente, porque muitas vezes uma imagem vale mais que mil palavras. Se conseguirem apagar as luzes vai ficar mais claro.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Por favor, as luzes.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – É uma imagem importante e, para a gente entender o que quer dizer isso, a gente tem de entender o que aconteceu nos últimos dez anos. A gente pegou um corte dos últimos dez anos dos recursos do Tesouro. Nós estamos falando estritamente da capacidade de arrecadação do Município, independentemente de repasses federais, estaduais, de financiamentos externos ou de doações; estamos falando de arrecadação própria, ou seja, de capacidade de geração de receita própria.

Muito bem. Dentro dessa figura o que a gente precisa ver? Em 2007 o nosso grau de rigidez na alocação de recursos, no caso das despesas incompressíveis, vamos dizer assim... Existe um grau de rigidez por quê? Tanto porque elas têm limites constitucionais

previstos que têm que ser minimamente cumpridos. Muitas vezes elas são absurdamente fundamentais - vou dar o exemplo do subsídio do ônibus -, e outras que são tanto constitucionalmente como legalmente incomprimíveis – estamos falando de pessoal ativo e inativo, dívidas e precatórios. Ou seja, compromissos financeiros assumidos pelo município que já estão previstos num cronograma de pagamento e num ordenamento jurídico, constitucional, legal, enfim, e que não podem ser descumpridos.

Nós estamos vendo que, de 65% do orçamento, eles passaram a 85% em 2017. Nessa eu estou repetindo, ali em cima: saúde, educação, assistência social, subsídio a ônibus, pessoal ativo e inativo, dívida e precatórios. Muito bem. O raio de manobra, portanto, que a gente tinha em 2007 era em torno de 5,5 bi, que significa 35%, grosso modo, do orçamento. Para quê? Para financiar zeladoria, habitação, segurança, cultura, parques, meio ambiente, fazer investimentos gerais de todas as formas de infraestrutura no Município, esportes, trabalho.

O raio de manobra de 35% caiu para 17% no Orçamento de 2016. Ou seja, nós temos basicamente 6,4 bilhões para cuidar de todo mundo que sobrou nessa lista aqui. Não é que sobrou nessa lista aqui. É que na verdade, por uma série de preceitos constitucionais, legais, jurídicos, que fazem parte do ordenamento desta Federação, não podem ir, nós não conseguimos mexer. São despesas que nós, no Governo Doria, estamos tentando diminuir a todo custo, gastos com saúde, sem deixar – isso tem que ficar bem claro, houve o questionamento na audiência e acho que é importante frisar -, sem diminuir a qualidade e a capilaridade, o atendimento na ponta à população. Só que a gente sabe que dá para fazer mais com menos, sim. Dá para padronizar custos, dá para diminuir despesas que podem ser todas niveladas num preço, sobretudo serviços, contratação de serviços, vigilância, limpeza e por aí vai.

Zeladoria tem vários problemas. Temos agora novos desafios com novas concessões. É um assunto crucial para uma cidade com a dimensão e com a complexidade da

cidade de São Paulo. Além disso, tem a questão da segurança pública, a questão de habitação...

- Manifestações na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Júlia, é que nós estamos discorrendo sobre o orçamento geral do Município, (ininteligível) é questão da Cultura hoje, senão a gente não sai daqui.

- Manifestações na plateia.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Gente, deixe só fechar, por favor. Um momento, por favor.

- Manifestações na plateia.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Deixe só terminar, gente.

Outra coisa: o Orçamento, ao contrário do que todo mundo pode pensar aqui, mas acho que é importante, porque a maioria no fundo sabe, a grande maioria aqui sabe, a Peça Orçamentária é construída não pela Secretaria da Fazenda nem pela Coordenação de Planejamento que está, nesta gestão, dentro da Secretaria da Fazenda. Normalmente fica com outra secretaria, mas no caso nós somos responsáveis por ambas as coisas. A Secretaria da Fazenda executa o que no Orçamento está previsto e foi negociado pela própria Secretaria com a sua estrutura.

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Claro, mas o planejamento, tudo tem limite, as receitas são estimadas. Veja bem, quando a gente não tem receita entrando e quando a gente tem um limite, quando existe uma circunscrição...

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Não, senhor. Espera só um minutinho, por favor. Eu queria que vocês me deixassem terminar. Eu aceito debater com cada um, não tem problema.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Pode concluir, Giulia.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – É o seguinte: quem define as prioridades, quem define os programas, quem define as ações e quem define o quanto daquele monte de dinheiro vai ser gasto com o quê, essas prioridades, é cada secretaria. Cada secretaria depois senta conosco e vê: olha, precisamos... Não dá para chegar nisso, vamos ter reinvestimento, não vai entra isso, porque o Governo Federal acabou com o PAC, acabou...

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Não. As pastas chegam para nós e nós discutimos e debatemos. É em cima disso que se dá a decisão de: vamos começar com tanto, melhorando o caixa, entrando dinheiro federal ou de outras fontes, o que não aconteceu neste ano de forma nenhuma, isso precisa diminuir.

Então o comportamento das receitas é estimado no começo do ano, quando se faz o processo de construção da Peça Orçamentária. Na verdade é uma pactuação que a gente faz aqui e que a Câmara aprova. A Câmara discute, a Câmara vota e a Câmara aprova.

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. GIULIA PUTTOMATTI** – Um momento, senhor, eu vou terminar.

Então, quando a gente fala em contingenciamento, em congelamento ou corte, são medidas que têm que ser tomadas em função de uma limitação orçamentária, de receitas. São escolhas que a gente tem que fazer em nível de governo, alinhado com todos os secretários e com a Câmara, porque isso tem que tramitar. Por isso que a gente trabalha numa democracia...

Detalhe, deixa eu terminar. E agora eu queria dar alguns números...

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Conclui pra mim, Giulia, porque daí agiliza, eu chamo as pessoas que estão aguardando pra falar.

**A SRA. GIULIA DA CUNHA FERNANDES PUTTOMATTI** – Eu vou pedir para o Ahmed só complementar o valor, valores, porque acho que é uma discussão até irrelevante porque vamos acabar fechando o ano com muito mais do que foi estimado, do que foi

congelado. Então, vamos lá.

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Bom dia a todos. Só complementando o que a Secretária Adjunta Giulia disse e o próprio Secretário. Em primeiro lugar, meu nome é Ahmed, sou coordenador geral...

- Manifestação dos presentes.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Se você me permite, os que estão lá fora, os próximos três inscritos são os que se inscreveram lá de fora. Então assim a gente vai se organizando.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Então não se discute, se você conseguiu entrar, não está lá fora. Então você vai falar aqui dentro. (Palmas) Por favor, organizem as três primeiras falas de fora. (Pausa) Não, não vamos liberar, não. Não é assim. É determinação do Corpo de Bombeiro e não vamos liberar. Acendam as luzes, por favor.

Quero devolver a palavra ao Ahmed.

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Bom dia a todos. Como estava dizendo, eu sou o coordenador do Orçamento. Ano passado tive o privilégio de estar aqui na audiência pública, presenciei as manifestações. Quero destacar, enquanto técnico, servidor de carreira, a Cultura, de fato, tem participado ativamente, desde o início.

O Secretário André pegou um orçamento com congelamento grande, expressivo, de 46%, e nós acompanhamos quase que diariamente junto com a Secretaria da Cultura. O Secretário Caio Megale e a Secretária Giulia propuseram um plano gradual de descongelamento o que, de fato, foi feito. Até o dia de ontem, tínhamos 100 milhões, aproximadamente, liberados, descongelados, frente aos 272 milhões que tinham sido congelados, contingenciados inicialmente, a espera de uma melhora no cenário econômico.

A Cultura não foi a pasta mais prejudicada, a Secretaria da Habitação por conta das fontes vinculadas, principalmente quanto às transferências do Governo Federal que não se

concretizaram, também foi.

Quero respeitar a todos que estão aqui. O Rapper Pirata, por exemplo, que está em todas as audiências, seja qual for o tema, discutindo com bastante propriedade os assuntos da política pública da Cultura.

Reforço que a audiência é um momento em que precisamos entender o que, de fato, eventualmente, é necessário pra que se execute uma política pública, o que, de fato, às vezes, têm sido posto de uma forma equivocada. Acho que desde o começo, das premissas orçamentárias, construiu-se a peça com base nas premissas, com base nas diretrizes orçamentárias, que foram entregues em abril, dia 13 de abril pra ser mais preciso. Foi criado um grupo de trabalho para emendar a LDO – Lei de Diretrizes Orçamentárias. E a Cultura saiu na frente das outras Secretarias, desde março, desde fevereiro já queria discutir as premissas a serem utilizadas para construção da peça.

---

Muito embora os valores previstos para o próximo ano sejam menores, tendem a respeitar a realidade da execução de 2017. De nada adianta estimar um orçamento pra Cultura de um bilhão de reais e congelar 60%. Acho que é bastante razoável que trabalhemos com uma execução real. De novo, reforço aqui o respeito, o meu agradecimento à Secretaria da Cultura que, a todo instante, todos os decretos que saíram para renegociação de contratos, a Cultura participou ativamente.

O que disseram é muito importante, se gasta muito com atividades meio, como aluguel, segurança, vigilância, que evidentemente são pontos importantes, mas como a própria Secretaria comentou, o residual que sobra para novas políticas acaba sendo consumido pelas atividades meio. A Secretaria da Cultura fez um trabalho hercúleo, olhou contrato por contrato, para reduzir de forma expressiva e dar vazão à execução de políticas públicas.

Então o Orçamento foi construído de uma maneira razoável, mais racional. De novo, prefiro que os valores sejam, de fato, executados em 2018 do que superestimados e haja congelamento muito maior do que todos nós estávamos esperando.

Complementando, e já encerrando a minha fala, a Secretaria da Fazenda sempre esteve presente, seja em grupos menores e nas audiências. Eu, pessoalmente, estive em vários momentos com cada um de vocês, principalmente com os movimentos do hip hop, com a Fundação Teatro, enfim, tentando entender qual é a forma mais razoável. Não esquecendo de que o Orçamento é uno. Temos Educação e Saúde que são metas, são itens importantes para São Paulo, bem como a compensação tarifária, a previdência, os ativos, os inativos...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Perfeito, é isso. Em nenhum momento eu deixei...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Realmente, a Cultura não está apenas condensada, centralizada na Secretaria da Cultura. Como ele bem disse, a função Cultura está espalhada em todas as secretarias, você tem toda razão.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Exatamente, esse é o esforço, perfeito, eu concordo, esse é o esforço que está sendo feito. É que vocês não estão nos bastidores renegociando contrato por contrato como a Secretaria da Cultura tem feito.

Você tem toda razão, é diminuir a atividade meio, e é o que a Cultura tem feito. Está diminuindo contratos, reavaliando a logística de limpeza de espaço público, por exemplo, onde era utilizado por lote, vamos usar m<sup>2</sup> limpo. Só por aí, há um ganho de escala muito grande. Esse é o trabalho que o Secretário André tem feito pra que, em 2018, a execução seja feita em sua integralidade.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Sim, como em todas as outras que nós temos. Era isso que eu tinha a falar, e nós ficamos abertos.

**O SR. RICARDO NUNES** – Ahmed, você falou que descongelou quanto? Cento e

setenta?

**O SR. AHMED SAMEER EL KHATIB** – Não, não. O congelamento inicial, Vereador Ricardo, foi de 272 milhões. Então foi aproximadamente 42%. E até o dia de ontem havíamos descongelado pouca mais de 94 milhões.

**P** – Tínhamos liquidado até setembro 194 milhões?

**R** – Exato.

**P** – Então vamos terminar 2017 executando, liquidado, mais do que em 2016?

**A SRA. GIULIA DA CUNHA FERNANDES PUTTOMATTI** – Sim.

**O SR. RICARDO NUNES** – Importante essa informação: vamos terminar 2017 com liquidado, pago, com o executado maior do que em 2016.

**A SRA. GIULIA DA CUNHA FERNANDES PUTTOMATTI** – Mais de 200 milhões.

**O SR. RICARDO NUNES** – Vou falar uma coisa pra vocês: estivemos conversando com o Vereador Zé Turin, com o Secretário de Finanças, e nós vamos adotar sistemáticas diferentes para o Orçamento de 2018. Vamos incluir dispositivos com proibição de congelamento para algumas atividades. Por exemplo, 1,5 milhão para o Hip Hop, não vai ser congelado durante 2018, e nós vamos criar dispositivos.

Agora, eu vi que o clima deu uma aquecida, e é importante essa informação.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. RICARDO NUNES** – Faça o favor, moça! Em 2017 vai ter...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. RICARDO NUNES** – Em 2017 nós vamos ter um valor executado, liquidado maior do que em 2016.

- Manifestação fora do microfone.

- O Sr. Presidente faz soar a campainha.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Vamos ouvir o relator, depois vocês podem se manifestar.

**O SR. RICARDO NUNES** – A gente vai criar dispositivos, vamos criar mecanismos para garantir, o que é superimportante, para ter o valor da Cultura garantido no Orçamento, mas também ter a garantia da execução.

Era essa a observação, Presidente.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Estou contanto, aqui nós temos 12 lugares vagos.

- Manifestação dos presentes.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Não tem lugar reservado. O pessoal foi ao banheiro?

- Manifestação dos presentes.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Devagar nós vamos organizando.

O próximo inscrito é César Augusto; depois (nome ininteligível); depois Flávio Lima. Os dois primeiros, houve desistência. Tem a palavra Flávio Lima. (Pausa) Ah, está aqui o César.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – É o César?

**O SR. CÉSAR AUGUSTO** - Bom dia a todos. Serei bem objetivo. O Pirata já deixou bem pautado. Quero só fazer uma reflexão. O Sr. Prefeito de São Paulo, o que ele tem contra o Hip Hop? A meu ver, começou censurando, apagando os grafites, tudo. A meu ver, isso é arte. Querem censurar o Hip Hop dessa maneira onde a gente vê uma deturpação da cultura e tal, um estilo que normalmente o governo não censura, totalmente sem conteúdo. Como o Alex Street também disse, a cultura salva muitas vidas. Também não ganho um centavo para fazer isso, estou aqui por identificação e também junto com a cultura, não só o Hip Hop para que o Prefeito e todos os Vereadores possam fazer essa reivindicação. Então, atende o nosso pedido.

Só mais uma coisa. Eu sou morador da Cidade Tiradentes, zona Leste e queria que o Prefeito desse atenção às UBSs de lá. Moro na Rua José Francisco Brandão e há um ano

não tem médico e nem medicamento. Precisamos estar a beira da morte para poder...

**A SRA.** \_\_\_\_\_ - Nós vamos passar. Isso será transmitido ao Secretário Polara.

Você pode dizer o nome da rua? A UBS.

**O SR. CÉSAR AUGUSTO** – É ali próximo da Rua José Francisco Brandão.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Próximo a Rua José Francisco Brandão. Está registrado.

Obrigado, César Augusto. Com a palavra o Sr. Easy Jay. Em seguida, Flávio Lima.

**O SR. EAZY JAY** – Bom dia, irmãos e irmãs. Bom dia, todos os trabalhadores e militantes da cultura em geral em todas as suas vertentes. Bom dia a Mesa, Vereadores, Secretários. Eu vou fazer um “extra-fala”, que é de grande importância até mesmo que venha a ser cortada depois, mas essa é de extrema importância.

Há um ano, Srs. Vereadores, eu estava aqui alertando a vocês. Alguns dos senhores que estavam naquela ocasião estão hoje também nesta mesa. Eu estava chamando atenção para um caso de um garoto chamado Erik Augusto que tinha sido há pouco, naquela ocasião, espancado pela polícia, por policiais e ficou em estado vegetativo. Naquele momento, eu chamava a atenção dos senhores para uma ajuda. Essa ajuda nunca veio para o nosso povo. Eu ouvi uma frase, quase ainda agora, de um irmão aqui atrás e ele disse: “que guerra desigual, só nós morremos.” É verdade, só a nossa gente morre.

Aquele garoto que eu falei na ocasião, Erik Augusto, é o meu filho. Ele veio a falecer no dia 16 do mês passado. Ele ficou um ano em estado vegetativo e veio a óbito antes de um atestado de corpo delito, de um exame, no qual eu tinha prova de que ele tinha sido espancado e veio a morrer por conta disso. Ele não morreu porque não resistiu e estava doente. Ele morreu porque o mataram lentamente. É isso. Ninguém fala nada, não acredito na Justiça, que não haverá, mas a do nosso pai celestial não falhará, eu sei.

Então, neste momento eu peço licença a todos vocês para honrar o meu filho Erik

Augusto não em um minuto de silêncio, mas em um momento de fortes palmas, por favor.  
(Palmas prolongadas).

Obrigado! Meu filho, essas são para você. Agora, sim, muito obrigado. Muitíssimo obrigado a todos vocês, de todo coração.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, Eazy Jay. Conclua, por favor.

**O SR. EAZY JAY** – Vou fazer a minha fala em um minuto. Gente, vamos ter a consciência de uma coisa: tudo é difícil. E todo momento que se torna novo ainda mais difícil é. Estar nesta posição aqui é difícil. Porque aqui vem a cobrança, daqui tem que vir o atendimento. Então, é difícil. Alguns do lado de lado chegam até a se acovardar de estar aqui, porque sabem que as pedras vão vir; e para receber pedrada tem que ser forte!

Sou Coordenador do Núcleo de Hip Hop da Cidade de São Paulo neste momento, além de rapper, e militante, sim, do movimento e cultura hip hop. Porque um dia a gestão vai acabar, e a minha legitimidade e a minha luta continuarão ao lado dos meus companheiros.

Vamos buscar com inteligência, porque há coisas ainda faltando, mas elas não estão deixando de acontecer. A Virada Cultural é exemplo disso.

Dia 18 de novembro faremos o maior evento do ano, e será na Praça da Sé, Secretário, e não no Vale do Anhangabaú, porque o dia lá já estava ocupado. O rap está voltando ao centro depois de anos, só que vamos fazer com maestria, qual a maioria dos artistas do hip hop. Vamos fazer um evento com maestria e deixar bem clara a força do rap nacional e a sua importância.

Há muito para se falar. Os valores já foram pedidos. Cabe à gestão atender, e para isso há também uma briga, porque há hierarquia. Eles aqui recebem, repassam, e vão repassando, e nem sempre vem positivo. Então, vamos procurar que haja atendimento e não deixar de lutar. Mas vamos agir com estratégia e inteligência. Muito obrigado a todos. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado. Tem a palavra agora o Sr. Flávio Lima.

**O SR. FLÁVIO LIMA** – Bom dia a todos. Com respeito a todas as linguagens e a todas as culturas, estou aqui como professor de dança da Escola de Dança da Fundação Theatro Municipal.

A Escola de Dança de São Paulo foi fundada em 1940, portanto com 78 anos de vida, formando bailarinos que atuam no cenário nacional e internacional.

Confirmando a fala do Vereador Ricardo Nunes sobre o aumento de público do Theatro Municipal, a Escola de Dança está fazendo parte desse movimento. Com a remontagem do balé *Quebra Nozes* para seis sessões no Theatro Municipal, em menos de 24 anos os ingressos foram esgotados.

Fui bailarino do Balé da Cidade de São Paulo por 14 anos, de 1993 a 2007, e travamos uma luta para conseguir a implantação da Fundação Theatro Municipal. Em 2011, ela foi aprovada, mas não efetivamente implantada. Hoje a Fundação Theatro Municipal cuida de 2 mil alunos de dança e música, sendo 88% desses alunos, de baixa renda.

Está dentro do orçamento a Orquestra Sinfônica Municipal, a Orquestra Experimental de Repertório, o Coro Lírico, o Coral Paulistano, o Balé da Cidade de São Paulo, o patrimônio histórico da Cidade e a Praça das Artes.

Finalizo deixando claro que esse é o modelo de política pública que está dando certo e que deve ser replicado para todas as áreas da Cultura.

Aproveito para apresentar um exemplo desse nosso trabalho.

- Apresentação musical.

**O SR. FLAVIO LIMA** - Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Próximo inscrito Bentes.

- Apresentação teatral.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Só para avisar que faz parte da performance.

- Manifestação ruidosa na galeria.

**O SR. FLAVIO LIMA** - Este me representa.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Com a palavra Bentes.

**O SR. BENTES** - Eu mesmo, senhor.

Pelo menos eu estou aqui em liberdade, certo?

Bom dia a todos e a todas. Vejo que os papéis são inversos. A gente tem de mendigar por um direito nosso. Engraçado que ninguém vota sentado, mas, de pé, esperando pode ficar. Certo?

Então, é o seguinte, durante muito tempo estou vendo meus irmãos e irmãs lutando por dignidade. Esses representantes só estão aqui por causa de nosso voto. Ninguém está fazendo favor para ninguém. (Palmas)

E, aí, Srs. Vereadores,...

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Jesus, viu...

**O SR. MARQUES** – Aí, senhor dono da Mesa, estou dando uma ideia aí. Espere aí. eu ouvi todo mundo, mano. A igualdade já começa aqui, certo. Porque é o seguinte, a Cidade está clamando por arte. Essas verbas de vocês não chegam na biqueira da minha quebrada, porque a minha população está morrendo, porque não tem Centro Cultural, não tem acesso. Que Cultura é essa? Que Gestão é essa que retira da base de uma Cultura revolucionária? Nós, dentro de nosso tempo, somos revolucionários. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Conclua, Mendes.

**O SR. MARQUES** – Eu não sigo muito os padrões, certo. Só vou sair daqui se me prenderem no bagulho. Então, vou falar o que está engasgado há 517 anos nosso povo fica nessa de pedir, mas, na verdade, é o nosso direito. E esta Casa tem de entender que ela faz uma gestão para nós, e não o contrário. Não temos de ficar mendigando.

São Paulo é uma cidade com um PIB riquíssimo e é nosso direito termos investimento em todas as áreas, principalmente onde está a periferia. Mas também, devo

lembrar, irmãos e irmãs, que Cultura não é cabide de emprego, é competência. Aqui não tem de ter *lobby*. Tem de ter dignidade. (Palmas)

Faço parte de uma família que está há 33 anos na rua. Nós nunca dependemos de verbas de vocês. Só que, quando cai, é bom.

Só que é o seguinte, Sras. e Srs. Vereadores, tem de por um ponto final nessa discussão. Tem dinheiro. Tem dinheiro. A cidade de São Paulo tem dinheiro. O que falta é boa vontade política, porque congelar de quem já não tem muito, é uma baita sacanagem. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, Marques.

**O SR. MARQUES** – Ô, tiozão, espera aí, espera aí, espera aí.

Tô ligado, tiozão. Tô ligado. Espera aí, certo.

Então, eu vou concluir esse bagulho aqui, assim, olha.

Levantem a mão. Todo mundo para o lado, para lá. Todo mundo para o lado, para cá. Abaixem. Respirem fundo. E aí, perceberam? É assim que o sistema manipula vocês. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra a Sra. Durvalina.

**A SRA. DURVALINA** – Bom dia a todos e a todas.

Eu queria começar a minha fala dizendo que grafite é reconhecido como arte, sim, mas só se for em Nova Iorque.

- Manifestações fora do microfone.

**A SRA. DURVALINA** – Outra coisa, o orçamento da Cultura é 0,76% do Orçamento global. E, aí, nos trazem uns gráficos falando do Orçamento global, e não falam do nosso 0,76. Assim, chegamos a que lugar? Que diálogo é esse? (Palmas)

Eu sou bibliotecária e quero falar um pouco das bibliotecas da Cidade e do Programa Livro e Leitura. Nós temos todo um processo democrático que vem sendo desenvolvido na cidade de São Paulo há décadas. Nós temos o Plano Municipal de Cultura e temos o Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca. É para respeitar ou não? A nossa democracia é de verdade ou não? Não, né, e nós já entendemos isso. Não, não é. Se fosse, nós não estaríamos nessa situação.

São 54 bibliotecas da cultura na cidade de São Paulo, mais as bibliotecas dos CEU. São os equipamentos que chegam mais longe na Cidade, que chegam até a periferia, que atendem à população, que prestam serviços. E qual é mesmo o nosso orçamento? Há

bibliotecas, equipamentos inteiros funcionando apenas com três, quatro funcionários. Vocês acham que assim dá para fazer um negócio bacana, um negócio direito? Não dá e ninguém se importa porque nós estamos trabalhando diretamente com a população. Quem se importa com a população? Não aqueles que acham que grafite só é arte em Nova Iorque. Podem ter certeza disso.

- Manifestações no recinto.

**A SRA. DURVALINA** – Inclusive nos CEU há bibliotecas fechadas por falta de funcionários, como no Grajaú, CEU Navegantes. É o maior absurdo, porque a Cidade gastou uma grana implementando equipamento e está fechado. De certo, lá não precisa, pois há 200 outras bibliotecas lá para as pessoas utilizarem. Não, não tem! Nós precisamos.

Para este ano, qual é o orçamento do ônibus-biblioteca, que também atende às periferias e a quem não está coberto por outros equipamentos para ter acesso a livro, leitura e literatura? É zero. Quanto se disponibilizou para o Programa Veia e Ventania, que é da literatura periférica, que é a coisa mais revolucionária que aconteceu na literatura desta cidade nos últimos anos?

- Manifestações no recinto.

**A SRA. DURVALINA** – Não tem nada parecido ao tamanho, vigor e importância desse programa. E quanto de dinheiro? Nada, porque interessa nos salões, porque nós voltamos ao tempo do Brasil colônia, em que tudo o que importava era a cultura que acontecia nos salões. Não se importam com a cultura para a população. Por que será que a gente não é ser humano igual aos seres humanos que frequentam os salões e as mansões por aí? Vai ver que é isso. Só que nós não aceitamos isso e estamos aqui para dizer que nós não aceitamos isso. Está ocorrendo um desmonte na nossa área, na área da literatura, do livro, que tem que ser respeitada dentro da Secretaria de Cultura. Nós não somos menos, de jeito nenhum. Nós somos mais da metade dos equipamentos da Secretaria e é por isso que estamos aqui, para demonstrar toda a nossa indignação.

É um absurdo o que está acontecendo.

Obrigada. (Palmas)

- Assume a presidência o Sr. Ricardo Nunes.

**O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes)** – Obrigado, Durvalina.

Tem a palavra o Sr. José Renato.

**O SR. JOSÉ RENATO** – Bom dia a todos. Eu acho que todo mundo aqui já reclamou sobre os cortes nos programas, que é sempre o que acaba acontecendo com o pessoal da área da cultura. Os representantes da Secretaria da Fazenda há pouco apresentaram um *chart*, que é uma discussão que precisamos fazer. Mas se a justificativa para o corte do orçamento da cultura e de outras áreas tão importantes quanto está sendo apontando em função da execução orçamentária anual, por que a LOA 2018 veio com um aumento se a perspectiva de arrecadação ou execução esse ano está em torno de 80%, ou seja, porque é que a gente está prevendo executar em 2017, 40 bilhões. E se a gente quis dizer que veio um plano mais próximo da execução porque o plano veio com 56? É uma questão que eu acho que a gente tem de discutir. Quando veio também a fala de que não adianta eu por um bilhão para a Cultura e ter que congelar 60%, me interessa. Um bilhão para a Cultura com congelamento com contingenciamento de 60%, significa uma liquidez de 400 milhões, que é bem maior do que o liquidado esse ano. Segundo as palavras da própria Secretaria, da própria Fazenda. A gente não acha que a gente tem que estimular uma briga em torno da função cultura, se é mais para o teatro Municipal, se é mais para o programa, ou se não. A gente tem que parar de cortar da Cultura. Porque onde a gente sempre corta esteja economia bem ou mal.

Vamos falar desse Orçamento aberta e detalhadamente. A gente ainda tem tempo, até dezembro. Temos tempo para abrir esse Orçamento e vamos entender se essa peça vai ser votada com 40 bilhões ou com 56. Se a gente tem o direito de clamar pelo aumento ou se a gente vai entender que toda a verba da Cidade, orçamento de São Paulo vai para 40 bilhões.

Vamos fazer isso?

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o Sr. Leonardo dos Santos.

**O SR. LEONARDO DOS SANTOS** – Bom dia a todos. Estou aqui para falar em nome da Escola Municipal de Música do Teatro Municipal. Já foi falado bastante, o pessoal já fez uma demonstração memorável do que representa a música nas nossas vidas. Então, quero ressaltar que a Escola de Música de São Paulo está aberta, não é uma escola elitizada, como foi falado aqui agora há pouco, que as pessoas não têm condições de chegar até os lugares e que a elite frequenta os salões. Em certos casos é verdade, mas quero ressaltar que o teatro Municipal é aberto à população o que precisamos é que se melhore o acesso, que o pessoal tenha o acesso ao teatro, a Orquestra Experimental de Repertório faz concertos a seis reais. Hoje com seis reais você não vai e volta de metrô a lugar nenhum da Cidade. É muito acessível, o que a gente precisa é de maior divulgação para que a população consiga ter acesso à escola. A escola tem um prédio excelente, mas sabemos que não é só com a alvenaria que fazemos escola de música. Precisamos manter o quadro intelectual da escola, os professores e toda a gestão da escola para que ela não só possa continuar o que ela é hoje, mas como possa expandir também. Hoje ela dá oportunidade para estudar o Prefeito ao lado do morador da periferia, como o pessoal do hip hop. É uma escola pública, precisa ser mantida e por isso que estamos aqui lutando por toda essa coisa bonita que o pessoal acabou de fazer ai.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o Sr. Pepe Mateus de Araújo.

**O SR. PEPE MATEUS DE ARAÚJO** – Bom dia a todos, bom dia à Mesa, Secretários, Vereadores. Sou o Pepe Mateus de Araújo, aluno de violoncelo na Escola Municipal de Música, tenho 19 anos e lá na Escola Municipal de Música faço parte também de alguns grupos de prática de conjunto, entre eles a Camerata Jovem de Violoncelos e da

Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo.

Quero ressaltar a importância da Escola na minha formação como músico, pois é um pouco inacessível conseguir professores tão bons como os que existem na Escola Municipal de Música.

Para entrar na Escola Municipal de Música é necessário passar por um processo seletivo. Tive que prestar duas vezes para conseguir passar. Meus amigos já falaram aqui e quero tirar esse conceito de que a música erudita é elitizada. Sou uma prova disso, toco violoncelo há sete anos, mas apenas no ano passado consegui comprar meu próprio instrumento.

Tive que tocar nas ruas durante o ano todo e sou da zona periférica. Então quando os secretários pensam em investir valores na Fundação Theatro Municipal estão pensando sim nas periferias. É isso mesmo.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o Sr. Luiz Negresco, Jovem Monitor Cultural.

**O SR. LUIZ NEGRESCO** – Salve família, estão todos me ouvindo certinho aí? Ontem participei de uma formação, só ressaltando estou aqui como Jovem Monitor Cultural, um programa da cidade de São Paulo, e um dos assuntos ontem foi o silêncio, que tem de fazer parte do nosso dia a dia.

E aí venho aqui pedir silêncio para vocês para poder ouvir e escutar. Não para estar aqui só com o corpo de vocês, porque há várias demandas na Cidade que precisam ser atendidas. E uma delas que vim falar, sou jovem, na faixa etária de 19 a 29 anos, e a empregabilidade na cidade de São Paulo não é tão evidente. Na verdade somos a maior parte da população desempregada.

Nesse questionamento, sou artista, arte educador e estou no corre aí fazendo vários processos, como meu irmão mesmo falou, nunca dependi da Secretaria para poder fazer

meus trampos, mas quando vem é bem-vindo.

Usando esse discurso não quero arrumar briga com ninguém. Nem com o Theatro Municipal, nem com o Hip hop, nem com o Fomenta Periferia, nem com nenhuma área objetiva. Só peço o silêncio de vocês e quando peço silêncio estou pedindo atenção, que vocês olhem. E não é um pedido, de verdade. Eu quero que vocês só façam o trabalho de vocês bem feito a ponto de entender que a Cidade precisa que algo seja feito. Diferente de tudo o que já está acontecendo, porque está sendo muita falação e pouca ação. E sentimos falta onde estamos, tanto como UBS, como CEU.

E uma proposta como sempre falo, problematizar é fácil. Difícil é trazer uma solução. A solução que tenho para trazer: profissionalize as pessoas. É bom ter policial na rua? Não sei. Mas coloca um profissional preparado. Precisa de uma biblioteca? Precisa. Não é só fazer a biblioteca, mas ter profissional para trabalhar. Precisa de casa de Cultura? Precisa. Mas precisa de profissionais para trabalhar nela.

Quero esse olhar para todos os equipamentos públicos da Cidade, hospitais, bibliotecas, casa de cultura, escolas, para tudo ter profissionais que precisam ser atualizados. E essa cobrança vem da gente e aí é repassada por vocês. É só isso que quero de vocês. Essa é minha fala.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** - O último desse bloco é o Fábio. Quem acabou de usar o microfone foi Luis Negresco, jovem mentor cultural.

**O SR. FÁBIO SIQUEIRA** – Bom dia população paulistana que honra a tradição dessa cidade de séculos em relação à Cultura. Tantos grandes nomes brasileiros e estrangeiros, homens e mulheres que fizeram a Cultura do Brasil, partiram e chegaram na cidade de São Paulo, haja vista a Semana de Arte Moderna de 1922, e o surgimento da televisão brasileira dia 18 de setembro de 50, que também foi aqui na cidade de São Paulo, assim como o MASP, o MAM.

A cidade de São Paulo, talvez, essa sala lotada e tomara que toda audiência seja

assim para a pujança da Cultura nessa cidade. Saúdo os Srs. Vereadores, não vou falar, infelizmente, o nome de todos, Jair Tatto, Relator Atilio, Relator Nunes, e também o Secretário Sturm e sua equipe. Especialmente à população presente, é fundamental que essa cidade tenha um Conselho Municipal de Cultura, algo que existe desde os anos 70. Não entendo porque há dez anos está parado o Conselho Municipal de Cultura. É uma demanda fundamental para a Pasta Cultural desta Cidade. (Palmas)

Isso traz participação popular, traz mais transparência, mais fiscalização democrática.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. FÁBIO SIQUEIRA** – Um momentinho. Também gostaria de pedir encarecidamente à equipe do Secretário o cumprimento da Lei 14.756 que cria o Museu da Televisão na cidade de São Paulo.

Como eu disse, a televisão surgiu nessa cidade, é justo que uma lei, há quase dez anos aprovada nesta Casa, do falecido Vereador Rogério Farah que tenha um museu nesta Cidade.

Gostaria também de solicitar, há uma demanda antiquíssima, em relação à periferia, Ponte Rasa, a Casa de Cultura Ponte Rosa, Hermelino Matarazzo, aprovado em 2003, até agora não saiu do papel.

Ainda gostaria que os CEUs, todos os CEUs da cidade de São Paulo, porque os CEUs chegam na periferia como falou aqui, do Hospital Navegantes, Grajaú, Capela do Socorro, tivessem Virada Cultural, que é um dinheiro imenso e não chega na periferia essa questão dos shows. Tem muitos artistas que gostariam de se apresentar nos CEUs, tem teatro, tem biblioteca, realmente há uma demanda que desde o início da Virada Cultural não está sendo atendida.

Queria também solicitar a questão da literatura infantil e infanto-juvenil, é lamentável que esta Cidade que tem uma tradição importante, haja vista Tatiana Belink, Ofélia

França, Lenita Fracaroli, mas está abandonada a literatura. Até o caderno de literatura infanto-juvenil que, desde os anos 50, parou de ser publicado para comentar. Não é importante as crianças lerem decentes, adequadas à idade delas e de qualidade. Pois bem, a Prefeitura parou de publicar o catálogo de literatura infanto-juvenil e infantil do Brasil, cuja referência é São Paulo.

Como também parou de publicar o arquivo municipal a história dos bairros de São Paulo. Não se tem interesse de saber a história de seus bairros. Era uma coleção de 1959, cuja publicação parou.

Tudo isso tem a ver com a Cultura. E fico muito triste com o patrimônio histórico largado na Cidade. Monumentos sujos, estátuas furtadas. Nosso passado – é importante conhecer o passado para saber do futuro e viver bem o presente – , literalmente, lastimavelmente, descuidado.

A verba, o Prefeito anterior, 8 milhões, não gastou nada. O Prefeito Haddad, a Secretária Rosalia e o Secretário Nabil. Orçamento do Sr. Doria, Sr. Sturm, Diretor Sturm, o patrimônio histórico está muito pequeno. Não está sendo executado. É algo muito triste na cidade de São Paulo.

Para terminar, queria lamentar profundamente a questão da verba para o Clube do Choro de São Paulo também está zerada. O Clube do Choro também tinha sede à Arthur Azevedo, no bairro da Mooca, um teatro histórico, também está, segundo o orçamento de 30 de setembro nada executado, como também o ônibus-biblioteca, R\$ 5 milhões; o senhor, até agora, nada executou da dotação 1883 do ônibus-biblioteca, R\$ 5 milhões.

Para encerrar, também quero falar de outras dotações, como políticas de promoção cultural: R\$ 1 milhão, nada executado; e fomento às linguagens artísticas, de R\$ 8 milhões só executou R\$ 100 mil; e Cultura Viva, um programa federal, de R\$ 15 milhões só executou R\$ 150 mil reais até 30 de setembro; bolsa-cultura, que o Haddad não executou em sua interinidade ano passado; Casa da Capoeira, R\$ 300 mil e nada executado. E patrimônio

histórico, de R\$ 1,4 milhão, o senhor só executou R\$ 28 mil. Com certeza os fundadores do PAN, como Rogério Melo Andrade, estão indignados, porque patrimônio histórico de São Paulo, centenário, existe respeito.

Fomento à música, de R\$ 1,5 milhão, o senhor executou R\$ 29 mil; editais, redes e ruas, zero real; e Clube do Choro, R\$ 500 mil e nada foi executado. Dotação 1882.

Por que esse congelamento asqueroso e esse corte de R\$ 82 milhões para o Orçamento de 2018, lamentável, em relação ao Orçamento de 2017?

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o nobre Vereador Antonio Donato.

**O SR. ANTONIO DONATO (PT)** – Bom dia. Quero tratar de alguns números, para ficar fácil entender a situação em que nos encontramos.

Ano passado, o Orçamento era de R\$ 54,4 bilhões; este ano é de R\$ 54,694 bilhões. Ou seja, R\$ 300 milhões de diferença, então, é fácil comparar os dois orçamentos.

Até setembro de 2016, havia sido arrecadado R\$ 36 bilhões; até setembro de 2017, R\$ 38,2 bilhões. Ou seja, para um orçamento da mesma ordem, este ano já arrecadou R\$ 2,2 bilhões a mais. Significa que o orçamento deste ano provavelmente chegará por volta de R\$ 51 bilhões; e ano passado o orçamento fechou com R\$ 47,5 bilhões. Temos R\$ 3 bilhões a mais, com segurança, podendo chegar a R\$ 3,5 bilhões a mais. São números oficiais da Secretaria.

Vamos falar do orçamento da Cultura. De janeiro a outubro, série histórica, os números oficiais do Sistema de Execução Orçamentária da Prefeitura: este ano, em outubro, houve um congelamento de 35,05%, o maior congelamento da história. Ano passado, até esse momento, havia liquidado R\$ 260 milhões; até outubro deste ano foram liquidados R\$ 208 milhões, R\$ 52 milhões a menos, com um orçamento que está arrecadando a mais do que no ano passado. É claro que por uma opção política, está indo para outro lugar o dinheiro que

poderia estar aqui, pelo menos no mesmo nível do ano passado.

Já falei isso várias vezes. A gente fez a comissão de estudo da cultura e já demonstramos isso várias vezes: o nível de congelamento é absurdo, discrepante das outras pastas. Então, tenho uma visão muito particular do comando do governo em relação à cultura. Dizer que vai liquidar mais este ano do que o ano passado, duvido, duvido, duvido, porque se até agora liquidou 52 milhões a menos, em 2 meses, vai tirar a diferença sendo que tem edital parado, tem edital no Tribunal de Contas, tem coisa que não está na rua, então, vai gastar como? Só se for gastar em outras coisas que não os fomentos que a gente tradicionalmente tem sido a luta da cultura, além das outras áreas que estão em luta.

Por fim, tem uma coisa curiosa na proposta orçamentária apresentada para esta Casa. Na LDO se definiu que a gente ia ter um resultado primário de 1.150 bilhão para o ano que vem, para meta 2018. Na Lei Orçamentária, agora, vem prevendo um déficit de 1,5 bilhão. Por que isso? Precisa gerar um déficit orçamentário porque vai sobrar dinheiro este ano, vai sobrar dinheiro, vai fazer caixa para ano que vem a custas de muitas áreas importantes da cidade de São Paulo, da assistência social, da cultura, da educação, da Saúde. Então, essa é a estratégia e é isso que a gente precisa discutir.

Na verdade, a gente fica discutindo como se tivesse uma situação - como disse a secretária, incomprimível, os gastos são engessados. Não é verdade. Vai sobrar dinheiro e, infelizmente, à custa de várias atividades importantes para a cidade de São Paulo e em particular da cultura. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o nobre Vereador Toninho Vespoli.

**O SR. TONINHO VESPOLI** – Bom dia a todos e a todas. Gostaria de cumprimentar a Mesa e todos os presentes.

Gostaria de registrar que estamos falando do orçamento do ano que vem e, infelizmente, temos a Casa de Cultura de Ermelino Matarazzo que está sendo fechada agora.

A Subprefeitura, inclusive, foi fazer uma vistoria técnica lá e colocamos do mandato um engenheiro junto e o nosso engenheiro comprovou tecnicamente que tem muita divergência do laudo técnico da Subprefeitura e Defesa Civil. Inclusive temos um laudo de engenheiros da FAU comprovando e tendo divergência técnica profunda lá.

Então, quero aproveitar a presença do Secretário. Sei que os técnicos ou são da Defesa Civil ou da Prefeitura Regional, mas não é possível que o único equipamento público daquela área de Cultura seja fechado. Uma das pessoas falou do impacto de você conseguir dar outra oportunidade para juventude no espaço cultural. É isso que nós vamos fazer nessa cidade? Vamos fechar um equipamento público e colocar as pessoas à revelia? Então, gostaria que V.Exa. pudesse nos ajudar nisso. V.Exa., como Secretário da Cultura, não deixasse fechar um equipamento importante seja fechado.

O Governo Federal vem implementando várias reformas ou contrarreforma. Quem essas reformas impactam? Sou professor e é nítido quando você vai do centro para a periferia, a cor da pele muda. Lá no final do periferia é onde se concentra, cada vez mais, os negros e negras. E aí quero somar com esses cortes que estão aqui: corte do fomento à cultura da periferia 40%. Uma política pública que foi buscada, não aqui por Vereador, por essa Casa, mas pela sociedade civil e nós não vamos pegar e valorizar agora a sociedade civil?

- Manifestação na plateia.

**O SR. TONINHO VESPOLI** – Acho que temos de discutir mais política de Estado e não política de Governo, porque a sensação que tenho é que o desmonte da Cultura que é efetivado é porque se tem a impressão de que várias pessoas ligadas a várias políticas dessas são de um campo progressista e são de esquerda, e aqui já foi falado que a Cultura não tem partido.

Acho uma irresponsabilidade o que foi feito em vários programas de cortes, inclusive, alguns que não vão ter nenhuma verba. Olha só: Agente de Cultura; Pontos de Cultura também que foi diminuído em 80% seu dinheiro; criação da casa de capoeira, quer

dizer, não vai ter dinheiro nenhum.

Então assim: é lamentável isso daqui, infelizmente joga-se algo para as pessoas, para as várias linguagens e aí estarem brigando entre si e ficar aqui tentando puxar um dinheirinho a mais para o seu lado. E, enquanto isso, a nossa juventude se perde na periferia, se perde nas drogas e é morta. É morta, ora pelos traficantes, ora pela Polícia institucional desse País. Um negócio desse não tem como votar!

- Manifestação na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto) – Vereadora Sâmia Bomfim.**

**A SRA. SÂMIA BOMFIM –** Boa tarde a todas e a todos. Sou a Vereadora Sâmia Bomfim. Queria cumprimentar a Mesa, o Secretário e todos da Prefeitura que estão aqui presentes.

Vou tentar ser o mais breve possível porque acredito que os trabalhadores e as trabalhadoras da Cultura já contemplaram muito bem o debate de quem está no chão, de quem está na ponta, e sabe muito bem o que significa essa lógica de cortes e de congelamento, que vocês sabem bem: não está atingindo somente a área da Cultura, mas todas as principais áreas sociais nesse momento estão sendo atingidas, respondendo a uma lógica de desmonte completo dos direitos. E é muito interessante identificar que a Cultura sofre da mesma lógica por parte da Prefeitura, de não ser considerada enquanto um direito, que deve ser garantido.

Bem, já foi demonstrado pelo Vereador Antonio Donato que, de fato, aumentou a arrecadação no limite em que se diminui investimentos nessas áreas sociais. Então para onde vai o direito, esse dinheiro, e por que se congela esse dinheiro no momento em que a população, principalmente a periférica, é a que mais precisa ter acesso a toda a estrutura que foi criada.

Foi criado o Plano de Cultura de São Paulo, vocês sabem muito bem, só que o plano vem sendo sistematicamente ignorado e isso também acontece em outras áreas como, por exemplo, o Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional. Esses planos são

criados para serem política de Estado e não política de Governo. E eles não poderiam – e não deveriam – sofrer retrocessos e mudanças em interpretações de Governo. Planos não são feitos para serem interpretativos. São feitos para serem aplicados, independentemente da visão e da lógica do Governo. É por isso que é criado um plano, por isso é estabelecida uma política de Estado e isso deveria ser revisto.

E eu tenho algumas dúvidas. Por exemplo, essa lógica de colocar um setor contra o outro, uma linguagem contra outra, é uma lógica muito complicada. Tenho algumas dúvidas, porque um terço do Orçamento é destinado para o Theatro Municipal? Nada contra o trabalho dos trabalhadores, do Theatro Municipal, é um trabalho muito importante. Mas, por que tem um terço destinado para essa área, enquanto há tantas áreas que são fundamentais, que não têm nenhum centavo destinado? Essa é uma lógica complexa, porque eu acho que quer colocar um setor contra o outro, uma linguagem contra a outra, que é colocar como se uma expressão artística fosse melhor, mais importante ou mais valorizada do que outra, sendo que principalmente os setores que estão na ponta são aqueles que deveriam ter mais investimento. Porque são justamente os que têm mais dificuldade de acesso ao orçamento, mais dificuldade de acesso, enfim, inclusive, a própria visão daquilo que a elite, daquilo que a região central costuma identificar enquanto arte.

Ontem pudemos fazer um debate sobre o tema da redução da maioria penal, que inclusive vai ser discutido no Senado nos próximos dias. Numa sociedade em que destinamos aos mais jovens, principalmente os pretos, os pobres, os periféricos somente as grades, eu pergunto por que é que não investimos cada vez mais em cultura? E por que não investem para aqueles que conseguiram se livrar dessa lógica do encarceramento, que são os bravos guerreiros e lutadores que estão aqui, que romperam com o destino que lhes foi reservado? Por que não investimos cada mais no seu trabalho e na valorização da sua profissão?

Estamos chegando a uma lógica da sociedade de obscurantismo, de criminalização

daqueles que conseguem superar uma estrutura histórica que lhes foi planejada. Infelizmente, essa Prefeitura e essa gestão estão aprofundando isso. mas, eu tenho certeza de que a luta da cultura todos os anos é muito forte e intensa e esse ano não será diferente. Já deram grandes demonstrações do nível de radicalidade que podem chegar e eu sou partidária dessa lógica, porque quando os ataques são muito radicais a resposta tem de ser igualmente radical.

Obrigada. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigada, Vereadora Sâmia Bomfim. Tem a palavra a Vereadora Juliana Cardoso.

**A SRA. JULIANA CARDOSO** – Boa tarde ou bom dia, porque ainda não almoçamos, a todos que estão aqui presentes, às Secretarias e aos Vereadores.

Estou querendo iniciar a minha fala repudiando a questão da Casa de Cultura de Ermelino Matarazzo.

- Manifestações no recinto.

**A SRA. JULIANA CARDOSO** – Nós não podemos fazer a transformação política em setores que são enraizados na periferia e que foram e são por muito tempo a cultura que faz a transformação daquela sociedade que ali está, principalmente na periferia.

Então, Secretário, há muito que o senhor está nessa Secretaria e sabemos que teve toda uma forma ruim de se organizar e se organizar com a Casa de Cultura, mas que isso não aconteça. Espero, mesmo que ainda a Justiça – e aí voltando em relação à questão de não ter o show ontem do Caetano Veloso na maior ocupação – mas ainda estamos vivendo num país democrático. Se as ideias não se batem não será com a força que faremos a retirada de pessoas que fazem a cultura. É preciso ver isso com muito cuidado e carinho.

Outra questão é que já foi relacionado aqui, já falamos sobre isso em diversas linguagens, mas o fato é que o Orçamento hoje está sendo a Peça pensada e será votada nesta Casa. Precisamos que os nossos Vereadores, principalmente os da Base do Governo, compreendam que a militância da cultura não é de hoje. Eles fazem e andam por esta Casa

projetando leis, projetando orçamento, buscando que ali se faça de fato, e que o estado coloque os recursos e investimentos para que se possa fazer cultura, principalmente na periferia.

Oitenta e um milhões de queda numa secretaria importante da cidade de São Paulo, quando temos um orçamento aumentando, é inadmissível. Não tem lógica e não tem argumento, não tem discussão. Os números não mentem. Eles podem até enganar, mas no produto final, que foi o que o Líder Donato falou aqui. Estamos observando que vai sobrar recurso. Nós estamos no mês dez, faltam dois meses para terminar o ano. O que se move de licitação? O que se move de projetos nos quais esses recursos vão ser colocados em prática? Então não nos enganemos.

Outra coisa que eu quero questionar é que são 81 milhões, mas, do Tesouro Municipal, quer dizer, dos cofres públicos municipais, vai ser diminuído 20% do orçamento, ainda que suba a arrecadação. No Tesouro Federal, vamos combinar que o Temer, por óbvio, corta 20 anos de recursos para as secretarias e para as pastas de saúde, educação, e com cultura não é diferente, então são 15% de recurso federal que não vai entrar.

O que mais me chama a atenção, Secretário... e a Secretaria de Finanças. Porque o Secretário está aqui no seu papel de ouvir, tentar, falar “olha, estamos aqui”, mas não é ele que vai definir o recurso, quem define o recurso é o Sr. Prefeito Doria e a Secretaria de Finanças. Mas o principal para organizar esse recurso é a mobilização popular.

Quando colocamos uma dotação da Fundação do Theatro Municipal, a gente sobe com o recurso, um aumento de dotação significativo para o Theatro, tira de outros locais. Mas a gente tem que atentar para o fato de que a verba para o Theatro Municipal está subindo, sim, Pirata, mas sabe para onde a dotação está indo? Para patrimônio. Para a programação artística, diminuiu 12 milhões. Quer dizer, a gente já tem uma indicação de números de frequentadores do Theatro pequeno. Se não tem programação, vai diminuir mais ainda.

Tomemos como referência a Lei de Fomento à Dança: menos 5,9 milhões; Prêmio

Zé Renato: menos 4 milhões; Lei de Fomento ao Teatro: menos 2,1 milhões; implantação de pontos de cultura: menos 12 milhões. Esses são os projetos, Secretário, Secretaria de Finanças e senhores Vereadores que estão aí com a Comissão, são extremamente importante para que a gente tenha um fio de esperança na vida dos nossos jovens adolescentes das nossas periferias. Construindo a cultura, nós vamos construir menos presídio. (Palmas) Construindo a cultura é que construiremos uma educação melhor. É colocando dentro do Orçamento, em pastas importantes como essa, que vamos ter menos preconceito e ódio, que hoje, infelizmente, estão impregnando a sociedade brasileira.

Vamos seguir o Plano Municipal de Cultura, que é onde estão colocadas todas as diretrizes da Cultura, e em diversas linguagens. Faça isso, que essa Secretaria, com certeza, vai conseguir puxar a questão da cultura para dentro da Prefeitura.

Obrigada. (Palmas)

---

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o nobre Vereador Claudio Fonseca.

**O SR. CLAUDIO FONSECA** – Cumprimento o Presidente, Srs. Vereadores, os representantes do Executivo que aqui estão, todos vocês que representam a Cultura qui na cidade de São Paulo e perguntar a vocês. Não é a primeira e nem será a última vez que verei vocês aqui e ainda bem que não será a última. Porque a Câmara Municipal é um espaço de disputas. Em determinados momentos as pessoas que aqui aparecem, vem legitimamente disputar e defender os seus interesses. Mesmo nesse auditório que temos aqui, estamos falando de tratar do Orçamento da Cultura. A Cultura é a expressão de várias atividades e manifestações na música, no teatro, na dança, na Literatura, nos hábitos alimentares, nos rituais religiosos. Se formos detalhar aqui em determinado momento quanto o que vamos fazer de dotação para cada um dos seguimentos dificilmente via se encontrar consenso.

Alguém registrou que o teatro Municipal tem uma receita muito maior do que aquilo que é destinado para as atividades culturais, que são realizados, por exemplo, nos centros de

educação unificados. Se formos detalhar cada um dos itens a disputa vai estar instalada inclusive entre os vários segmentos que aqui estão. Achei essa audiência pública extraordinária, sou professor e sei que a educação é a conjugação da persuasão e da coação em determinados momentos. Mesmo a expressão artística que houve aqui é uma tentativa de convencimento. Quando vem alguém do rap se apresentar, o coral lírico se apresentar, a dança se apresentar, o quanto é importante essas manifestações culturais para que cada um dos Vereadores reconheça, para que cada um dos técnicos reconheça e para que o público também saiba da complexidade da necessidade de investimentos.

Isso é para persuadir e pode também através do discurso que foi feito aqui o exercício da pressão. A própria presença, isso é educativo. Estou habituado com isso e acho que não poderia ser de forma diferente, mas é necessário que entendamos também, por mais elástico que seja o orçamento da cidade, ele está em disputa, e o que está sendo feito aqui é essa disputa legítima. A cultura a exemplo de outras ocasiões que vocês tiveram aqui também reclamou do percentual que é destinado de receita para tantas atividades. Não está vinculado somente a esse momento e momentos anteriores. Estou vendo determinados representantes que já foram Executivo também e sabem a pressão que sofrem, legítima e necessária que se faça para que você ajuste o orçamento.

Quero chamar a atenção de como o Orçamento é disputado e como a Câmara Municipal age em relação a isso. O Vereador Ricardo Nunes faz parte da CPI que investiga os grandes devedores de São Paulo, ele merecia junto com os demais companheiros, os Vereadores que estão naquela comissão ser cumprimentados e dizer que foi um trabalho extraordinário. Há uma dívida ativa de mais de cem bilhões, grandes devedores, e a comissão está querendo captar. Se ela captar 30% da dívida ativa do Município através dessa investigação terá 30 bilhões. É quase que um pouco maior do que um Orçamento geral da Cidade. Desses 30 bilhões, 9,3 bilhões irão para a educação, como recurso vinculado; outros 18% dos 30 bilhões – ou seja, 5,4 bilhões -, para a área da saúde. E essa disputa de vocês

ganha, inclusive, um tom maior ainda de legitimidade à medida que disputa também esses recursos que estão nas mãos dos grandes devedores. São bancos que recebem isenções, são bancos que são inadimplentes, são grandes empreendedores que estão inadimplentes. Então, no momento de se discutir o Orçamento, é bom somar a luta por mais investimento em educação, em cultura, nas áreas sociais; e discutir a questão fiscal na cidade de São Paulo, discutir a questão tributária, reforçar os mecanismos de investigação da Câmara Municipal para que nós possamos de fato fazer com que aqueles que não pagam paguem, e os recursos sejam destinados à cultura, à educação, à saúde, à mobilidade urbana.

Eu queria pedir autorização, a liberdade de quebrar o protocolo para cumprimentar e pedir uma salva de palmas para o Vereador Ricardo Nunes e, ao fazer referência a ele, a todos os integrantes da CPI que investiga os grandes devedores, porque ela é importante para que haja mais dinheiro. Peço uma salva de palmas para o Vereador Ricardo Nunes e para todos os membros da CPI dos grandes devedores. Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, Vereador Claudio Fonseca. Nós temos uma matéria até muito positiva em relação ao que essa CPI arrecadou. Vou pedir que deixem registrado que se trata de um trabalho de recuperação, e inclusive vocês podem pedir para a cultura.

- Manifestações no recinto.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Não, foi recuperado mais de 1 bilhão desses grandes devedores.

- Manifestações no recinto.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Por favor. Vamos ouvir música. Em seguida, o Secretário e também a Júlia vai se manifestar. Vamos ouvir o Ricardo.

**O SR. RICARDO** – Vou tocar um trecho de sinfonia de Roost. Não toco sozinho muito menos para tantas pessoas.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Não tem problema. Silêncio.

- Apresentação musical. Aplausos.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Cadê o Alfredo Rasta? Você está com dificuldade? Vai lá, eles vão permitir furar a fila. Três minutos.

**O SR. ALFREDO RASTA** - Boa toda a todo mundo. Sou produtor cultural, Presidente da primeira entidade de reggae do Brasil. Minha realidade é crua e nua. Temos mais de mil casas de cultura na periferia, que são os bares,...

- Manifestações no recinto.

**O SR. ALFREDO RASTA** - ... que podiam ser espaços para momentos de lazer, onde pudéssemos nos encontrar para bater papo, falar dos nossos sentimentos, nossas mágoas, comer uma pizza, num momento de desabafo, e dali sairia o tráfico e tudo mais.

Então, eu queria deixar bem claro isso, porque a cultura não se resume só a “belas artes”, mas também é gueto, periferia. Porque a periferia é toda essa cultura que há hoje no Brasil.

- Manifestações e aplausos no recinto.

**O SR. ALFREDO RASTA** – Quero deixar bem claro o seguinte. Eu realizo um evento, não sei se o Secretário conhece, o Grito Cultural Reggae, que reúne 50 mil pessoas - já reuniu 80 mil pessoas, independente, de graça para a periferia. Trazemos vários nomes do reggae. Muitas vezes, recebemos recursos mínimos para fazer um grande evento. Esse foi o último evento que fizemos, dia 22 de outubro, uma estrutura que a periferia realmente merece. Eu sempre digo que a periferia não merece migalhas, merece coisas de Primeiro Mundo, porque é ali que está o maior número de trabalhadores, ali estão pessoas que realmente têm talento. E se não se investe na cultura, a criminalidade aumenta. Aumenta muito.

Eu moro dentro de uma periferia que tem o tráfico do meu lado. A gente sabe que a música resgata, educa, e o reggae está vindo para isso.

Respeito o trabalho do Vereador Ricardo Nunes, ele sabe do que estou falando, ele já presenciou o meu trabalho em São Miguel Paulista. Eu queria, Secretário, na humildade,

aqui, pelo menos uns 12 milhões para o reggae para a gente poder trabalhar, para começar. É legal o edital, mas ele não faz grandes eventos. Muitas vezes, o edital limita as pessoas que estão realmente trabalhando. Não sei como é feita essa pasta, porque dentro da pasta muitas vezes as pessoas que têm trabalho ficam fora. Então, ressaltou, Secretário, de repente, uma audiência com você, com o seu gabinete, para a gente tratar de detalhes e assuntos que são muito importantes.

É isso aí, galeria. A periferia tem que estar unida. Sempre! (Palmas)

Só uma última coisa: eu queria saber da Mesa por que tiraram a Secretaria da Igualdade Racial. Porque tínhamos uma Secretaria que tratava dos assuntos da população negra. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado. O Secretário já te responde imediatamente. Ele é o próximo orador. Tem a palavra o Secretário André. Em seguida, Giulia, que representa a Secretaria da Fazenda.

- Assume a presidência o Sr. Ricardo Nunes.

**O SR. ANDRÉ STURM** – Eu queria fazer alguns esclarecimentos e também comentar algumas colocações que são diretas ao Orçamento de 2017, ao que aconteceu, e algumas colocações, porque acho que a gente tem todo o direito, qualquer pessoa tem direito de discordar, de questionar prioridades. Mas dados são dados e números são números; a gente não pode usar números que não correspondem à realidade.

O que eu vou falar agora não é em relação à realidade, porque ninguém distorceu isso, mas eu queria esclarecer. As pessoas falam que tem 140 milhões para o Theatro Municipal. Nós temos 140 milhões para a Fundação do Theatro Municipal. Qual é a diferença? Desses, cerca 18 milhões são para as escolas de música e de dança, que já foram apresentadas aqui. São cerca de 2 mil alunos, dos quais 85% moram em bairros afastados do centro da Cidade. Reforçando o que vários colegas do hip hop falaram, da importância de se resgatar jovens que podem trilhar, para usar uma expressão que foi falada, caminhos

obscuros, nós temos certeza de que essas escolas cumprem também esse papel. De maneira nenhuma é mais importante do que outra.

- Interrupção. Vazamento de som audiovisual no recinto.

**O SR. ANDRÉ STURM** – Então, é importante deixar que a gente tem esse valor, mas que não é para o Theatro Municipal, ele é fora do contrato do Theatro e é bastante relevante, considerando o número de alunos, de professores – que são todos artistas contratados -; o que isso mobiliza e o valor e relevância que ele dá a esses jovens. Não se trata de oficinas, trata-se de um curso de formação profissional.

Em relação ao Theatro Municipal, é importante destacar, o número, realmente, é grande. Agora, durante décadas os artistas da Orquestra Sinfônica, dos dois corais, do quarteto, do balé da Cidade, trabalharam em condições totalmente precárias, do ponto de vista das relações trabalhistas. Eles trabalhavam por simples recibos, não tinham nenhuma garantia de trabalho, nenhum direito trabalhista. Se mudasse a gestão e decidisse trocar todos os membros do balé ou da orquestra, isso poderia acontecer assim! Aliás, quanto a isso, aconteceram algumas tentativas no passado.

A gestão passada determinou, mediante um contrato de gestão com uma organização social, que cometeu uma série de problemas que não vou falar agora, porém todos esses artistas foram, até o final de dezembro do ano passado, contratados como celetistas. Isso significa que esse número de artistas, músicos, bailarinos, cantores, de diversos instrumentos etc., que somam quase 400 artistas, portanto, não estamos falando de um grupinho, mas de um número bastante expressivo...

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. RICARDO NUNES** – Jesus, por favor, por favor. Deixem o Secretário falar.

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Bom. Os artistas foram, como eu estava dizendo, todos celetizados, no ano passado. O orçamento que foi deixado para o pagamento e,

portanto, no orçamento do Theatro Municipal, para 2017, não era suficiente sequer para o pagamento dos artistas.

Portanto, na hora que nós temos...

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Cadê o respeito pelo outro, o direito das outras pessoas falarem? Cadê o direito?

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Acho gozado isso, exige respeito e não dá respeito aos outros.

**O SR. RICARDO NUNES** – Pessoal, nós estamos numa audiência pública, por favor. Deixem o Secretário falar.

Continue, Secretário.

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. RICARDO NUNES** – Secretário, por favor.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Muito bem.

**O SR. RICARDO NUNES** – São amigos nossos. Agora eles vão entender que é hora da fala.

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. RICARDO NUNES** – Amigo da Cidade, por favor, Jesus. Por favor.

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Estão tumultuando.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Jesus. Jesus, respeito.

**O SR. RICARDO NUNES** – Pode continuar, Secretário.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Bom. Portanto, quando nós assumimos a gestão, nós tínhamos duas opções: promover a demissão de cerca de 30% dos artistas ou cortar a verba em programação.

Só para dar um exemplo, em dezembro do ano passado, final do ano, com o Theatro Municipal tendo dívidas consideráveis, foi realizada uma ópera que custou 4,5 milhões aos cofres públicos. Boa parte desse recurso, inclusive, aumentou a dívida do Theatro Municipal.

Mas, enfim, a gestão passada...

- Manifestações simultâneas fora do microfone.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - ...fez uma ópera que, sozinha, custou 4,5 milhões. Este ano, ao longo de sete meses, o que nós fizemos foi cancelar todos os contratos internacionais, o Theatro Municipal não recebeu nenhum artista de fora e todos os grupos artísticos foram valorizados com uma programação, sem que houvesse tanto gasto em programação com a contratação de artistas de fora, com figurinos e cenários caros, gastou-se 3,5 milhões de reais em programação e tivemos muitos mais dias de programação.

Por isso, a população teve muito mais acesso, nós reduzimos o preço do ingresso do Theatro Municipal...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu vou estabelecer um critério de ouro: vocês podem se manifestar à vontade ao fim da fala do orador, seja o Secretário, seja Vereador, seja qualquer um de vocês - qualquer um é o termo que eu digo por ser a grande maioria, sem demérito a nenhum de vocês.

**O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM** - Portanto, quando foi colocado aqui de que houve uma diminuição do recurso da programação para o ano que vem, sim, porque não queremos gastar dinheiro com a contratação de artistas internacionais, nem com óperas caras, nem com investimentos que não retornam. Vamos valorizar o recurso que nós pagamos para os trabalhadores da Cultura, que exercem seu ofício no Theatro Municipal. É por isso que o investimento em programação diminuiu, porque vamos valorizar os artistas que lá estão.

Em relação a outro tema, que me é muito caro, que foi falado aqui e absolutamente não corresponde à realidade, é sobre a questão das bibliotecas.

O orçamento para 2018 prevê um milhão de reais para políticas e promoção cultural nas bibliotecas públicas. Prevê 600 mil reais para o Programa Vê e Ventania, e não zero como foi falado, e prevê 3 milhões de reais para o Programa Ônibus Biblioteca, ao contrário de zero, como foi falado.

Além disso, em 2017, ano em que estamos, nós já investimos um milhão oitocentos e três mil reais em programação cultural nas bibliotecas.

No ano de 2016, cada biblioteca recebeu uma verba fixa de 10 mil reais, o que significou um investimento de 550 mil reais em programação em 12 meses. Neste ano, em nove meses, nós investimos um milhão oitocentos e três.

Como eu já havia mostrado anteriormente, nós já adquirimos trinta mil novecentos e quarenta e seis exemplares de livros contra quinze mil e novecentos em 2016. Então, dizer que as bibliotecas estão fora da prioridade da Secretaria, é uma inverdade que precisa ser destacada.

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. SECRETÁRIO** – Também gostaria de destacar que...

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. SECRETÁRIO** – Gente, eu ouvi as pessoas falarem. Elas falaram tudo o que quiseram. Agora é a minha vez de responder. Acho que seja razoável que eu tenha o direito de responder ao que as pessoas falaram. Depois que eu falar, você faz a pergunta, ok? Obrigado.

Queria destacar, também, que na área do livro e da literatura, pela primeira vez, a Secretaria da Cultura lançou um edital de apoio à publicação de livros inéditos. É uma demanda bastante grande...

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. SECRETÁRIO** – Portanto, pela primeira vez, lançamos o edital de apoio à publicação de livros, que vai beneficiar uma série de autores que não tiveram a oportunidade de publicar os seus livros anteriormente.

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu tenho feito um apelo ao Jesus. Em todos os anos em que eu estou de orçamento aqui, eu diria que ele... eu não sei se ele ajuda na Cultura ou se ele prejudica, tumultuando o ambiente.

Você prejudica, cara. Se toca. (Palmas)

Falta de respeito.

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Átila, você está inscrito.

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu vou ouvi-lo quando ele estiver inscrito.

- Manifestações fora do microfone – inaudíveis.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Vamos lá, continua o Secretário.

- Manifestações fora do microfone. Ininteligível.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Sim. Mas nossa parte aqui é garantir a palavra de todos. Nós tínhamos audiência marcada até às 13h e nós estamos dispostos a ficar até às 15h.

- Manifestações fora do microfone. Ininteligível.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Continue, Secretário. Quatorze horas.

**O SR. SECRETÁRIO** – Enfim, eu já falei da questão da biblioteca, que era o segundo ponto que fazia questão de esclarecer.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, Secretário. Eu proporia que voltássemos a ouvir, conforme solicitação de vocês, munícipes. Então ouvir os munícipes aqui inscritos. Josevaldo do Nascimento, Amazon, Jesus dos Santos, Índio Queiroz.

Eu peço que considere que no próximo bloco – traz para nós, por favor – não lembro, sinceramente, são muitos inscritos. Pode me dizer qual é a pergunta que eu já passo para o Secretário.

- Manifestações fora do microfone. Ininteligível.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Pode ser no próximo bloco, ouvir mais alguns colegas aqui. Perfeito, Secretário, você responde.

**O SR. JOSEVALDO DO NASCIMENTO** – Bom dia a todos. Talvez eu seja intruso nessa área, eu sou presidente da Associação Zona Oeste-Noroeste Futebol de Várzea, e vim aqui pedir socorro e parabenizar vocês pela mobilização e o socorro é para que transforme o

futebol de várzea em cultura, porque estamos perdendo muitos espaços públicos para a prática de futebol de várzea, inclusive ali em Santana, em Pirituba e quando a gente vai pedir o tombamento da área, a questão de interagir o futebol de várzea como cultura, que na área de futebol de várzea, nos espaços, tem batucada, tem culinária, hoje em dia está tendo festival de futebol junto com música, com rap, com reggae, com vários envolvimento culturais. Aí fica difícil mensurar a questão cultural na área de tombamento dos espaços públicos para a execução do futebol de várzea.

Outra questão que queria falar, além de parabenizar vocês, é que como o hip-hop falou aqui, um milhão e meio do orçamento para eles, hoje, apesar dos pesares, saiu na *Folha* que o Ministério Público está investigando o gasto de dois milhões do Prefeito Doria em publicidade do Cidade Linda. Então a gente tem que estar atento a isso aí.

O Prefeito tem que entender que a população da periferia não é baseada naquilo que ela vê, é naquilo que a gente sente.

Um abraço a todos e parabéns a vocês.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra o Sr. Jesus dos Santos.

**O SR. JESUS DOS SANTOS** – Para começar eu vou apresentar aqui um slide, um demonstrativo que mostra toda mentira das apresentações da atual Secretaria que aqui diz. Mas antes quero dizer alguma coisa para o Tatto. Realmente, Tatto, eu posso estar atrapalhando demais a cultura da cidade de São Paulo, mas não tanto como a gestão passada e é por isso que a gente está aqui, mais uma vez, brigando, porque essa Casa não tem o costume de ouvir os trabalhadores e trabalhadoras da cultura da periferia.

Mas vamos lá. Bem, será que dá para melhorar a qualidade, como estava nas apresentações anteriores? Isso. Se puder aumentar um pouco para quem está lá no fundo vai ser interessante. Bem, esse é o demonstrativo, um dos documentos que o Movimento Cultural das Periferias, junto com outros movimentos, tem estudado ao longo do ano. Esse demonstrativo não está por inteiro, apresenta apenas algumas políticas públicas da Cidade que

inclusive dialogam diretamente com o Plano Municipal de Cultura, que tende a ser rechaçado pela atual gestão de Cultura da Cidade.

Em 2017, o Programa Jovem Monitor tinha uma disponibilidade orçamentária na LOA de 10 milhões e 230 mil reais. Até o dia 3 de outubro do ano corrente, apenas 1,441 milhão havia sido executado, o que corresponde a 85% do dinheiro que estava em caixa e não foi utilizado. Perseguição política? Respondam.

Oficinas nos equipamentos culturais. Em 2017, a previsão era de 6.900, mas foram executados 520; 92%, portanto, não utilizados.

O VAI I e o VAI II tinha uma estimativa de 12 milhões e 865 mil, mas foram executados 4,8 milhões.

Programa de Gestão Comunitária de Espaços. No ano passado, houve briga para que fosse colocado na peça. Havia uma estimativa de 2 milhões, mas nada foi executado, e a Secretaria está colocando 500 mil reais na LOA.

O orçamento para fomento ao circo era de 4 milhões, mas foram executados 181 mil. Para o fomento à dança, 13 milhões, mas só foram executados 4 milhões. Para o fomento à cultura da periferia era de 15 milhões, mas até agora só foram usados 2 milhões e alguma coisa, e o edital está aberto. Para o fomento à música, 1,5 milhão, mas executados apenas 388 mil. Para o fomento ao teatro, 18, e o edital está suspenso. Para o Prêmio Zé Renato, 12 milhões, mas executados 4, e o edital está aberto. Para os pontos de cultura, eram 15 milhões, lei federal, mas foram executados até agora 650 milhões. Para os agentes comunitários de cultura, 1,6 milhão, mas só foi executada a metade. Para a Semana do Hip Hop, que era 1,5 milhão, foram executados 900 mil.

Aqui há outras planilhas e dados que estão na página do movimento se vocês quiserem ver.

O engraçado é o que eles estão prevendo para 2018. Para o Jovem Monitor Cultural, que é uma política que chega à ponta da Cidade – porque há mais de 300

equipamentos culturais na Cidade, entre casas de cultura e bibliotecas –, houve um corte de aproximadamente 41% em relação ao corte deste ano.

O pior será para as políticas que estavam garantidas no Plano Municipal de Cultura, mas que esta gestão resolveu tirar e até agora não responder por que. Por que a Biblioteca Mário de Andrade tem uma rubrica específica para programação que aumentou 1,5 milhão? Será por que está no centro? Não vou nem falar do Theatro Municipal, só da Mário de Andrade, que funcionava 24h e agora funciona até às 22h. Provavelmente é porque está no centro.

Para a Semana do Hip Hop, zero de grana.

Eazy Jay, o seu filho morreu na mão do Estado, e esta galera que está aqui apresentando este Orçamento é a mesma galera que faz com que os nossos irmãos morram na quebrada. Este ano já foram alguns e outros estão doentes. Até quando a gente vai aceitar migalhas? Até quando?

O Programa Samba e Choro deixou de existir, assim como o Veia e Ventania. A programação municipal do livro e literatura, que o mano está dizendo que é o primeiro edital dos livros e dos autores, não está incluída no Orçamento do ano que vem. E aí? É escritor só uma vez?

Quero me dirigir diretamente ao Vereador Turin e ao Vereador Ricardo Nunes e gostaria que vocês me olhassem nos olhos, porque o que vou falar é muito sério. O Vereador Atílio teve uma experiência conosco no ano passado, trocamos várias ideias e ele está ligado que a gente não está aqui para brincadeira. A aceitação da Prefeitura na gestão do Prefeito Doria só cai perante da população. Vocês são os responsáveis por pretos, pretas e pobres periféricos não continuarem morrendo na quebrada por falta de políticas públicas, que esta gestão está deixando de lado.

Para finalizar, não podia deixar de trazer minha intervenção: Fora “Strume”!  
Sejamos marginais, sejamos heróis! (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, Jesus.

Anuncio a presença do Vereador Eduardo Suplicy.

Tem a palavra a Sra. Inti Queiroz.

**A SRA. INTI QUEIROZ** – Boa tarde a todas e todos. Mais uma vez, estamos aqui para defender o óbvio, como disse o meu querido amigo Jesus, que me antecedeu e já me deu a deixa para perguntar por que estamos aqui de novo defendendo o óbvio e por que estamos aqui pedindo migalhas e pires se há um Plano Municipal de Cultura aprovado e escrito por todos nós. Pergunto a vocês, porque a resposta deles eu já sei: eles não querem este Plano, pois na meta 1 estão previstos 2% de orçamento para a Cultura. Eles não querem este Plano porque ele foi feito pensando no território, na descentralização. O Plano fez um diagnóstico que mostrou que está tudo concentrado no centro e mostrou também que nós sabemos fazer política cultural e que nós não precisamos o que eles nos digam o que é política cultural. Fomos nós quem fizemos este Plano nas conferências de 2004, 2009 e de 2016. Agora já está na hora de pensar na próxima conferência também. Nós fazemos política cultural.

O Plano tem problemas? Tem. Mas temos que sempre buscar melhorar este Plano, cuja previsão de revisão é a cada cinco anos.

Agora pergunto ao Secretário por que não começamos a implantar este Plano com vocês? O Ministério da Cultura, por mais golpista que seja, está começando a mexer com isso. Estamos metendo o pau no Ministro, mas o pessoal que está na SADI – Secretaria de Articulação e Desenvolvimento Institucional está implantando o Plano. Então, por que não conseguimos fazer isso aqui em São Paulo, tanto em nível municipal como no estadual? Qual é o problema? É vontade política? É verba? Deixo esta pergunta ao Secretário: quando vamos começar a falar do Plano Municipal de Cultural? E a vocês, pergunto: quando vamos batalhar por isso, que levou dez anos para escrevermos?

É isso. Obrigada. (Palmas)

- Assume a presidência dos trabalhos o Sr. Ricardo Nunes.

**O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes)** – Tem a palavra o Sr. Rooneyoyo, “o Guardiã”, da Federação Paulista de Breaking.

**O SR. ROONEYOYO “O GUARDIÃO”** – Boa tarde a todos. Boa tarde, Vereadores, Secretários e servidores. Venho aqui apoiar o pedido de implementação de verbas para todos os segmentos do Hip hop que já foram falados aqui e meu depoimento é muito simples. Na verdade vim fazer uma pergunta para alguns de vocês, é uma pergunta retórica, não quero nem resposta porque a resposta está implícita já na ação de vocês. Gostaria de saber, porque cortaram minha fala no dia da audiência pública do pixo e na minha vez não pude ser ouvido. Então talvez se me estender um minuto ou um minuto e meio é porque preciso fazer uma declaração sobre esse dia.

Vi mais de 10 Vereadores batendo no peito, falando que esta Casa é independente e vocês são fortes e têm o poder de fazer com que o Prefeito João Doria faça e execute aquilo que vocês colocam como propositivo, uma palavra que está no meio da lei e a menina monocrática pode dizer melhor do que a gente. Quando essa proposição é feita, a própria palavra para quem estudou, porque muitos de nós não tivemos a oportunidade. Desde mil novecentos e bolinha a Educação não é tratada como Educação no nosso país, por isso muitas vezes somos chamados de gângsteres, bandidos, safados e etc., porque somos contraventores e estamos querendo ensinar as pessoas a fazerem as coisas e isso é proibido no nosso país. Os nossos alunos vão para a escola e pedem para eles fazerem a prova de novo para poderem passar de ano e não por terem conhecimento. E é pelos números que muitas vezes não querem dizer nada. Não acredito em nenhum dos números apresentados aqui pelos estudiosos das finanças porque elas são propositivas. Muitas vezes na proposição são desviadas para outros lugares.

Nessa proposição, no ano passado, bateram no nosso ombro, é bacana receber um abraço, um acalento de todos vocês Vereadores que foram colocados aqui por nós da população, da sociedade civil, e aí falam o seguinte: conseguimos 11 milhões e 600 mil reais

para todas as subprefeituras. Cadê esse dinheiro? Onde vocês enfiaram esse dinheiro? Não vocês, é uma pergunta retórica, não estou acusando ninguém, mas onde está esse dinheiro que não chegou? Tentamos o ano inteiro, falamos com vários secretários e não tem esse dinheiro.

Ou seja, vocês dão, mas... Sabe aquele negócio que o ladrão rouba, mas não consegue levar. Vocês bateram no peito que são independentes, cadê a atitude vocês para cobrar esse dinheiro? É muito fácil colocar a rubrica aí, me dá a caneta que eu ponho o dinheiro aí porque tanto faz, quando chega ao Executivo é propositivo, o Prefeito faz o que quer. E vocês estão deixando isso, então por que tem esta Casa com 600 e não sei quantos milhões de reais? Muita gente fala: os nobres Vereadores, nobre aonde se vocês batem no peito e não conseguem fazer a execução quando sai desta Casa?

É bacana, admiro o trabalho da política, dos Vereadores. Acho bacana esse trabalho feito, porque somos nós que elegemos vocês para fazer o que estamos pedindo, as nossas necessidades porque senão também vira bagunça ficar na mão de todo mundo. Lógico, temos de ter uma pirâmide de execução. Isso é bacana, porém não está sendo executada.

Realmente quero ser parceiro de vocês. Só que vocês têm que entender o seguinte, como hoje é 31 de outubro, hoje é dia do... Vou lançar a maldição nesta Casa aqui e tenho poder para isso porque estou na periferia. Vocês sabem quantas pessoas têm na periferia? Das Olimpíadas para cá, eu venho falando isso. Algumas vezes eu falei com o Secretário e com alguns Vereadores sobre isso. Vocês gastaram R\$ 7 bilhões, o Brasil, e tem dinheiro do Município também, para conseguir conquistar 19 medalhas. Vocês têm coragem disso? É uma vergonha.

Então, estamos com a SPCine, meu pai é cineasta, embora não tenha uma AK-47 em casa, mas tenho uma Mitchell 47 em casa. Se eu for para a rua com esse negócio, faço uma revolução. Os senhores sabem o que é uma Mitchell 47? É uma câmera de filmar. Então, prefiro ir com uma Mitchell 47 para fazer um documentário, um filme, alguma coisa do gênero,

do que ir com uma AK-47, porque é isso que vocês estão pedindo.

Se vocês não disponibilizarem educação, cultura e lazer, nas ruas, nas escolas, nas casas de cultura, vocês estão pedindo para os caras saírem às ruas com AK-47 para fazer a maior milícia do planeta. E mais, um cidadão do hip hop ligou para a Secretaria de São Caetano porque a polícia bateu nesses cidadãos que estavam fazendo rap na rua. Um cara teve que intervir e falou: “Se vocês ‘num pá’, nós vamos com a milícia para a rua”. É difícil, porque queremos uma parceria, mas vocês estão chegando a um limite de extremo. Cadê o dinheiro? O Sr. Prefeito está tomando de vocês, e vocês bateram no peito que são independentes, etc.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes)** – Tem a palavra a Sra. Vanessa Sabá.

**A SRA. VANESSA SABÁ** – Boa tarde, sou moradora do Centro de São Paulo, nascida e criada aqui, e faço parte da Casa Amarela Quilombo Afro-guarani. Estou aqui para falar para o Secretário dar uma atenção para a Casa Amarela, onde temos cinema, teatro, dança, grafite, todas as vertentes periféricas, porque é a periferia que está lá dentro. Também temos hip hop, reggae e arte, teatro.

A Casa Amarela possibilitou a realização do meu sonho. Hoje sou atriz, sou contadora de histórias. Transcendemos os portões do Quilombo e hoje atuamos nas escolas, e vou contar um pouquinho do que faço nas escolas.

- Apresentação teatral.

- Aplausos prolongados.

**O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes)** – Obrigado. Parabéns, Vanessa.

**A SRA. VANESSA SABÁ** – Só uma palavrinha. Essa é a história da Abayomi, a

história da primeira boneca de pano do mundo. É uma história que representa o gueto, que representa toda periferia aqui presente. Nós temos histórias sim! (Palmas)

Tem a palavra Tião Soares; em seguida, Nana Rute (?).

**O SR. TIÃO SOARES** – Bom dia a todos. Venho aqui representando a Rede e o Fórum Para Culturas Populares e Tradicionais. Sempre trabalhamos com a dimensão simbólica das culturas. Chamou-me muita atenção às artes expostas que representam a escravatura, os negros, os índios escravizados, o que simbolicamente é muito importante quanto às culturas populares tradicionais.

Quero, na verdade, chamar atenção da Mesa, especialmente da relatoria do Orçamento da Cultura do Município de São Paulo porque, ano passado, garantimos 15 milhões como cifra orçamentária para as culturas populares e tradicionais que, diga-se de passagem, são representadas pelas culturas negras, indígenas, quilombolas, artes de rua, ciganas, etc. Mas para nossa surpresa nem sequer apareceu a nomenclatura: cultura popular tradicional.

Essas artes que aqui estão representam bem a cultura colonizadora, imperialista, que não garante especialmente o conjunto rico, heterogêneo das expressões populares. (Palmas) Tratamos as culturas populares como expressão simbólica econômica e política constantemente recriadas pelos grupos e comunidades que praticam a função do ambiente, da sua criação dinâmica com a natureza e com a sociedade. São portadores de referências estéticas efetivas e importantes para criação das identidades locais, regionais, periféricas transmitidas de geração para geração. Ela se estrutura sobre raízes ancestrais e se sedimenta numa temporalidade de média e longa duração histórica. Elas são também originadas e predominantes em grupos rurais isolados principalmente nas periferias urbanas, ou seja, são representantes de uma determinada classe social, tendem a ser discriminadas pelas elites e por isso obtêm pouco reconhecimento das instâncias culturais homogêneas com os Estados, as escolas, as universidades, os espaços consagrados, as secretarias municipal e estadual da Cultura e por último o Ministério da Cultura. As artes e os meios de comunicação de massa,

tornando invisíveis, incompreendidos pelo segmento social dominante, que as associa erroneamente ao atraso, a incompletude ou apenas à carência material. São tradicionais, ao mesmo tempo, porque são contemporâneas, híbridas, representando as expressões multifacetadas da sociedade complexa. As culturas populares, ao se expressarem, geram tensões e sínteses, são fundamentais para a compreensão do que é ser brasileiro.

Portanto, quero aqui especialmente rememorar a mente dos legisladores, especialmente dos relatores do Orçamento, que é necessário que se tenha uma cifra orçamentária para as culturas populares e tradicionais. Hoje ouvimos expressões, muitas linguagens e todas são originárias das culturas populares e tradicionais. Por que existe o erudito? Porque antes existiu o popular, a cultura popular. Quem é Shakespeare? Ele não escrevia cartas populares para as madames e depois virou nessa erudição que muitos replicam nos espaços, nos templos culturais da elite higienizadora? Por que não garantir uma verba orçamentária para as culturas populares que estão aqui representadas?

A política estatal reforça a bolha na sociedade porque não escuta as narrativas existentes. É uma bolha que, a qualquer hora, vai se espalhar, reverbera incontinente. O Estado não faz Cultura, a Cultura quem faz são as pessoas. Portanto, o Estado precisa garantir condições mínimas e necessárias para que as pessoas definam seus fins culturais. Portanto, verba orçamentária para o segmento das culturas populares e tradicionais.

(Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes)** – Estou preocupado, não vai dar pra todo mundo falar. Nana Rute, por favor.

**A SRA. NANA RUTE** – Paz e bem, a todos. Boa tarde! Boa tarde, Mesa. Estou aqui porque tenho duas demandas. A primeira delas é que, ano passado, estive aqui nesta mesma época lutando por essa dotação orçamentária, falávamos então da questão do agente comunitário da Cultura, que está no plano, sai de três conferências. Dizia que na primeira chamada pagavam mil reais a cada agente comunitário. Passados dois anos, eles chamaram

outra edição e novamente pagavam os mesmos mil reais, sendo que na primeira edição eu comprava a dúzia de banana a dois e cinquenta. Na segunda, a mesma dúzia estava a sete. Na época falei a todos que isso tinha de ser revisto.

Ontem entregamos o relatório final dos agentes comunitários da Cultura. Em meu relatório, no meu projeto tinha apresentado 12 eventos em praças para difusão cultural, gratuitamente, onde você leva baixo, bateria, guitarra, etc. e mais quatro eventos no Centro Cultural. Na verdade, realizamos 25 ações e não 16 como tínhamos programado. Fiquei extremamente triste quando ouvi dizer que o programa não mais vai existir este ano porque foi cortado.

Estamos falando de uma megametrópole, estamos falando de uma cidade em que cabem mais algumas dentro. O agente comunitário de Cultura sai das nossas conferencias, está em vários eixos porque ele vai atuar em todas essas regiões, vai de ponta a ponta e fomenta o fazedor de Cultura. Então, lamento que tenha saído matérias dizendo que eram vagabundos, que não faziam nada. Eu convido todos vocês, eu os convido a entrar no [www.projetoregati.com.br](http://www.projetoregati.com.br). e ver o que fizemos. Nós fizemos quatro ações sociais, nós entregamos 500 brinquedos gratuitamente para nossas crianças, nós entregamos ovos de Páscoa, ovos de chocolate que nós fizemos. Então, não dá para dizer que não é relevante um trabalho desse.

Outra demanda que tenho e preciso falar para vocês. Estive aqui e me disseram: “Nana, se você quer fomento para o Dia Nacional do Reggae, você tem que pedir na dotação orçamentária.” Ano passado estive aqui, pedi o fomento, pedi juntamente com outras famílias e quando esse fomento veio este ano, novamente, pelo terceiro ano, eu entrei com Celebration Reggae Roots, que é uma programação que traz um dia de atividades com oficinas, com a cultura de paz, que aqui represento, e por mais que eu argumentasse porque é o terceiro ano que peço este olhar “estou na periferia, não estou no centro de São Paulo”. A resposta que tive é que teriam um grande evento no Centro, mas conseguimos nessa luta uma rubrica de um

milhão de reais para fazer essa ação. Eu pedia para essa ação era tão somente 40 mil. Gostaria que vocês olhem esse cultura principalmente quem vê quem faz, observem mesmo onde estão acontecendo essas ações.

Não adianta vir lutar uma dotação e ela ser congelada, congelada, congelada. Então, pergunto, o que estamos fazendo aqui? Gostaria desse olhar de todos. Que revejam a questão do agente comunitário de cultura e que coloquem na rubrica também a cultura reage, por favor.

**O SR. PRESIDENTE (Ricardo Nunes)** - Tem a palavra o nobre Vereador Eduardo Suplicy. Em seguida, Luciana Monteiro.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUP LICY** – Prezado Presidente Ricardo Nunes, queridas companheiras e companheiros, só não estava aqui no começo porque estava na CPI da Feira da Madrugada. Então não pode chegar antes.

Quero cumprimentar o Secretário André Sturm e dizer algumas palavras. Primeiro quero dizer que eu fiquei apaixonado pela boneca de pano. Onde está a atriz? Está lá. Que coisa bonita. Quero ir à Casa Amarela ver mais.

Queria contar uma breve história sobre o Hip Hop.

Certo dia, a responsável pelos Direitos Humanos da ONU saiu da casa de assistência inicial da FEBEM dizendo: “é horrível!” Eu, como Senador, resolvi ir até lá pedir a Diretora para conversar com os jovens. Ela permitiu e eu fui conversar e fiz uma exposição de uma hora e meia para eles sobre a renda básica de cidadania e, na conclusão eu disse: “eu tenho a convicção de que se vocês já tivessem o direito a uma renda básica suficiente para vocês mesmos e para cada membro da família, vocês provavelmente não teriam cometido os delitos que os fazem estar aqui dentro.” Para ilustrar, eu cantei para eles *O Homem na Estrada*

“O homem na estrada recomeça a sua vida, sua dignidade, liberdade que foi perdida, subtraída e quer mostrar a si mesmo que realmente mudou.”

E aí aconteceu que eu li aquilo e eles me deram razão e gostaram tanto que

pediram se eu não queria mandar trazer o mano Brown aqui na semana seguinte eu voltei com o Mano Brown de quem eu fiquei amigo e fizemos mais uma hora de palestra com eles e eles pediram seis canções o que me impressionou foi que eles enquanto eu lia para cantar sete ou oito minutos eles sabiam decorado e cantaram juntos. Depois, na semana seguinte, quando pediram seis canções novamente, eles cantaram com o mano Brown juntos então quero do André eu gostaria de dizer a vocês, quando o pessoal aqui presente, o quão importante é a cultura hip hop e de como deve ser estimulada, Eu aprendi que para melhor entender os anseios, os objetivos maiores da população sobretudo nos bairros mais periféricos de nossa grande São Paulo, precisamos ouvir o hip hop então eu queria expressar essa confiança.

O segundo assunto é que eu quero expressar o quanto importante é estimular a cultura hip hop e toda a periferia. Permita lhes contar que às 19h haverá uma manifestação na largo São Francisco em defesa do teatro Oficina e para fazer desde a Rua Santo Amaro até a Praça Roosevelt um verdadeiro Anhangabaú da Felicidade. Um projeto de transformar toda aquela área num parque cultural. O Zé Celso escreveu uma carta no início do primeiro semestre ao Prefeito João Doria dizendo que gostaria muito que o Prefeito fosse lá. O Prefeito foi, eu acompanhei e o André Sturm também e eles apresentaram o projeto das duas arquitetas formidável e o Prefeito levou a sério e inclusive fez uma reunião a cerca de um mês e meio no SBT com o Sílvio Santos porque é importante persuadir o Sílvio Santos a escolher uma outra área das 90 e tantas que tem a Prefeitura de São Paulo para fazer os seus projetos, mas deixar que a ela Bela Vista, o Bexiga, onde temo TBC e tantas coisas culturais importantes, tem a Vai Vai, etc se torne um lugar de cultura tão especial da Cidade ao longo de sua tradição.

Então, quero lhes transmitir isso porque considero importante. O Prefeito João Doria convidou o Zé Celso e as duas arquitetas para no dia 13 almoçarem na Prefeitura. O André estará presente e quero muito fazer um apelo que possa o Prefeito João Doria considerar seriamente e persuadir Sílvio Santos de que será bom fazer do Bexiga, da Bela

Vista, um lugar excepcional para o enriquecimento da cultura paulistana.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado, Vereador Suplicy. Tem a palavra o Sr. Luciano Monteiro e DJ Marquinho.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Obrigado. Não vai cortar, não. Nós vamos garantir aqui e você vai garantir o descongelamento depois. Palavra do Zé Turin.

Tem a palavra a Sra. Luciana Monteiro.

**A SRA. LUCIANA MONTEIRO** – Boa tarde. Represento a linguagem reggae, comunidade, e estou aqui para falar sobre o Fórum do Reggae. A minha pauta é enfatizar que a cidade de São Paulo precisa de educação e cultura, que nenhuma forma de arte deve ser congelada ou cortada. Venho ressaltar a inclusão da cultura reggae no calendário de comemoração.

Este ano, nós fizemos um diálogo com o Secretário, mas isso não é suficiente porque não queremos fazer um evento, queremos que a cultura reggae seja legitimada e desmarginalizada, já que quando se fala de reggae pensam só na ganja, na maconha. Não. O reggae salva, o reggae educa, e precisamos que a nossa cultura esteja legitimada no calendário, com um edital e com todas as formas de se transmitir a cultura reggae, que é tão importante quanto o hip hop, e ambos são cultura do gueto e da periferia.

Secretário, eu queria pedir com muita humildade e tolerância que tivesse um olhar para Ocupa do Ermelino Matarazzo. Sou acadêmica de uma grande instituição, mas foi dentro do Ocupa Ermelino Matarazzo que tive possibilidade de aprender o que nem a academia e o sistema querem nos mostrar, porque o sistema não quer nos educar, mas quer nos alienar. Então, os nossos irmãos podem ter uma informação e um conhecimento diferenciado no Ocupa.

Aquele quadro é uma arte, que representa a opressão; e aquele povo que está no quadro atrás, com os baldes na mão e sem roupa, é a cultura. Precisamos de cultura e educação. E a saúde também está uma droga. Ontem estive no hospital, onde não há pessoas para laudar uma tomografia. A cultura não está boa, a educação não está boa, a saúde não está boa.

Senhores, por gentileza, os senhores querem que os seus filhos que estudam em colégio pago sejam mortos por filhos dos pobres, que não têm nem professores na escola? A minha filha estuda em colégio público e não tem aula, não tem professor. Então estamos precisamos de cultura, ressaltando o reggae. O grito cultural precisa ser fomentado, todos os eventos de (ininteligível) precisam ser fomentados, a Cultura e os artistas independente de rua merecem respeito.

Muito obrigada.

---

**A SRA. ROSA SANTOS** - Boa tarde a todos e todas, é um minuto apenas. Meu nome é Rosa Santos, sou moradora da Cohab II, na zona Leste de São Paulo, falo em nome da Viver Melhor, uma associação onde treinamos boxe e capoeira.

Gente, que conversa é essa que não vai ter um centavo para a capoeira. Nós treinamos capoeira com centenas de crianças, jovens e adolescentes, meninas. Sabemos que nós, mulheres pretas e pobres da periferia, somos as que mais estão expostas a todo tipo de mazela, de violência. E não vai ter um centavo?

Não quero saber de onde vai vir o dinheiro, mas vamos querer. Se vira. Eu quero o dinheiro para a capoeira. Entendeu? É o dinheiro da capoeira, não sei de onde vai sair, mas a gente precisa desse dinheiro.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tem a palavra a Sra. Lígia Rodrigues.

Vou fazer aqui uma consulta de maneira muito tranquila, temos a previsão do término às 14h. Obviamente não haverá tempo porque já estamos chegando nas 14h. Temos

ainda 22 inscritos, há uma possibilidade, precisa ver se todos têm essa disposição.

- Manifestações na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – A possibilidade seria na última audiência geral abrimos um espaço primeiramente, garantindo todas as inscrições para a Cultura naquela audiência geral ou marcarmos outra data.

O Secretário também solicitou, às 14h tem seus compromissos, então quero fazer uma consulta, sem prejudicar os inscritos. E prejudicar também o que vocês vão construir junto com os Vereadores Zé Turin e Ricardo Nunes. Aí é uma questão de vocês interpretarem.

- Manifestação na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Não tem problema. Nós deixamos, a questão é que 15h tem sessão, tem solicitação do salão aqui também.

Anuncio a presença da Vereadora Janaína Lima.

Tenho a interpretação de que uma audiência só para a Cultura, Vereador Atilio, é pouco.

- Manifestação na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Vamos fazer mais uma. Então me permitam o seguinte, vai falar o último orador e vou citar todos os nomes que estão inscritos, que serão prejudicados no dia de hoje: Lilian Rodrigues, Lucimara Santos Teixeira, Casemiro, Pablo. O Pablo até foi prejudicado na Leste, estava lá, se inscreveu e não tinha uma alma viva para ouvi-lo. Danilo Paula Silva Brito, Julia Ribeiro, Rosa Aparecida. Inclusive, os munícipes que estavam lá fora tentando entrar no início. Roberto Carvalho, Benê, João Gabriel, Martim, Giovana, Gustavo, Célia, Amanda, Luiz Rodrigo, Elba, Abiane, Gisele e o Átila.

**(NÃO IDENTIFICADA)** – Mas se já estamos aqui não podemos falar?

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Você já está com a palavra garantida.

- Manifestações na plateia. **O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Se me permitir, com calma a tente resolve tudo. Enquanto a Lilian fala, a gente já organiza para deixar a próxima

data marcada com vocês, com dia, hora e local.

**A SRA. LILIAN** – Eu vou pedir para dividir a fala com o nosso ex-coordenador do programa vocacional, que teve um trabalho de extrema importância e que infelizmente este ano não está entre os contratados, que é o Paulo Fabiano, que aqui está.

E vou começar minha fala. Sou artista, trabalhadora, mãe como muitas de vocês, mulheres, e vocês que também são pais, porque muitas vezes nós, artistas, muitas vezes não somos vistos como trabalhadores e pessoas que têm famílias. Então, somos muitas vezes descartáveis, infelizmente. Quero dar o meu bom dia aos vereadores, ao Secretário, e a todos companheiros trabalhadores.

Quero dizer que a cultura é patrimônio de um povo, é identidade, é histórico, é cidadania, é direito inclusive previsto na Constituição e muitas vezes não cumprido. A maioria dos atuais políticos priorizam a saúde em detrimento de outras áreas, investem muito mais em saúde. Sabemos que é relevante sim, mas se pensarmos que cultura também é promoção de saúde, visto que nós, dos programas de formação, BI e vocacional que atendemos, trabalhamos com crianças de 5 a 14. E pessoas a partir de 14 anos, na sua maioria, em áreas de grande vulnerabilidade social e grande densidade demográfica, o programa ficou precarizado, infelizmente este ano. Ele não aconteceu em sua plenitude, e pedimos, por favor, que o orçamento seja o mesmo do ano passado, com reajuste de 5%, assim como estamos pedindo para todas as áreas. Estou pedindo não como protagonismo, mas estou pedindo por todas as áreas, por todos os trabalhadores, todos os projetos. A manutenção do orçamento, mais 5% de reajuste, que é o justo e digno.

Lembro que os programas de formação ainda não viraram lei e existem há 16 anos. Nós temos um projeto de lei tramitando na Câmara que ainda não sabemos se passará pela Comissão de Educação e Cultura amanhã, mas é muito importante. Foi assinado pelo Nabil, está no gabinete do Vereador Suplicy, tem o apoio do Vespoli. Pedimos o apoio de todos vocês para que vire de fato um projeto de lei, porque não tem cabimento um programa dessa

natureza, e todos os anos estamos aqui defendendo o óbvio, porque vivemos em tempos em que o óbvio não é óbvio, e precisamos defender o óbvio.

Então, peço, por favor, o respeito, o cuidado com programas que atendem tantas pessoas, direta ou indiretamente cerca de 30 mil pessoas. São atendidas cerca de 2 mil pessoas, nos programas de formação continuada da Fundação do Teatro Municipal, mas estamos usando 2 milhões, na verdade não usamos tudo, porque uma parte do valor foi congelada. E é o mesmo valor destinado aos programas de formação continuada do Teatro Municipal. São gastos 18 milhões com o Teatro Municipal, com todo respeito aos trabalhadores, mas é uma diferença que precisa ser equacionada e repensada. Solicitamos esse respeito e esse cuidado a todos.

...do Teatro Municipal. Só que são gastos 18 milhões no Teatro Municipal. Com todo respeito aos trabalhadores, mas é uma diferença que precisa ser equacionada e repensada. Solicitamos esse respeito e esse cuidado a todos.

Vou pedir para o Paulo terminar, por favor.

**O SR. PAULO** – Boa tarde. Só quero lembrar que, todos os anos, todos nós estamos aqui na Câmara nos momentos de criação e para a execução do orçamento, sempre procurando sensibilizar todos os senhores, porque é um processo de sensibilização que é preciso, necessário, para que entendam a importância de todos esses projetos; mas, acima de tudo, que programas como os de formação vocacional, PIA, todos os programas que foram construídos na Cidade e que, no caso do Vocacional e do PIA, que ainda não foram votados como lei, mas estão aqui tramitando e precisam ser votados. Eles fazem parte de um conceito, de uma estruturação de uma cidade em torno de políticas públicas, todas elas dialogando entre si para que as ações de fato ocorram.

É preciso pensar no orçamento com essa rede de políticas públicas para todos, para todos os projetos, para todas as pessoas que estão aqui reivindicando orçamento para suas causas. Enquanto nenhum secretário nem a Câmara dos vereadores pensar no

orçamento como política pública, haverá essa disputa, esse fatiamento de verbas mínimas que é desinteressante para todos nós, inclusive para a secretaria que vive sempre em estado de precariedade imensa. Então...

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Tempo. Falou três minutos e deu aparte. E nós como uma dificuldade aqui, com 30 inscritos. Não é justo isso. Conclua, por favor.

- Manifestações fora no microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Mas ela falou três, daí passou.

**O SR. PAULO** – Então eu vou terminar. A questão é a seguinte: anos após ano estamos aqui falando de certa forma a mesma coisa. É preciso, apesar de toda condição contrária que nós temos na estrutura política, ter coragem agora. Senhor, é preciso ter coragem agora para construir os mecanismos que esta Casa pode construir para garantir as verbas dos programas de formação, com emendas próprias para esses programas e para sua continuidade, e para todos os outros programas da Cidade. Precisamos e pedimos um pouco de coragem e respeito pela Cidade. Política pública pede a participação de todo mundo, não é resolvida em gabinete.

Obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Então a proposta é fazermos a próxima audiência quarta-feira, dia 8...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Caio Megale tem mandado adjunto. Podemos fazer dia 8? Sem a garantia deste espaço. O Prestes Maia fica um pouco pequeno. Maior nós não temos.

- Manifestações fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu vou permitir ao Secretário, conforme... Ele se dispôs a estar aqui até as 14h e se propõe a vir em outra para concluir esta, para concluir esta aqui. Se vocês vão permitir, eu posso liberá-lo. Secretário, obrigado. Cumpriu.

- Manifestações fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Eu estou propondo dia 8, com local a confirmar.

- Manifestações fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Calma. Dia 8 às 10h, local a confirmar. Será publicado.

Nada mais a tratar. Declaro encerrada.

